



Francisco condenou o uso dos arsenais nucleares como instrumento de pressão nas relações internacionais

Não à lógica da intimidação

A corrida aos armamentos nucleares é funcional a «uma lógica de medo» que hoje ameaça não só os Estados em conflito mas «o inteiro género humano». Foi a admoestação feita pelo Papa Francisco no discurso pronunciado na manhã de sexta-feira, 10 de novembro, na sala Clementina, durante a audiência aos participantes no congresso internacional promovido pelo Dicasterio para o serviço do desenvolvimento humano integral.

No encontro realizado no Vaticano até dia 11, para discutir acerca das «perspetivas de um mundo livre das armas nucleares e de um desarmamento integral», participaram também onze prémios Nobel que entregaram ao Pontífice o texto de um apelo para invocar «uma paz mundial sustentável e impedir que as armas nucleares se difundam e sejam usadas». Particularmente significativo foi o testemunho de Masako Wada, uma dos últimos “hibakusha”, como chamam no Japão aos sobreviventes dos bombardeamentos de Hiroshima e Nagasaki.

No seu discurso o Pontífice falou do clima de conflitualidade instável que está a levar o mundo a uma corrida incessante aos armamentos, e denunciou a apreensão que se sente considerando «as catastróficas consequências humanitárias e ambientais



Obra de Salvador Dalí, «As três esfinges de Biquíni» pintadas em 1947 depois dos testes atómicos realizados pelos Estados Unidos no atol do Pacífico

que derivam de qualquer uso das armas nucleares». Isto obriga a uma firme condenação da «ameaça do seu uso», assim como «da sua posse», até porque não se pode subesti-

mar «o risco de uma explosão accidental por um erro de qualquer tipo». O Papa condenou principalmente a lógica da força militar, das intimidações recíprocas e da ostentação dos arsenais bélicos, que parecem dominar as relações internacionais. Com efeito – admoestou – «as armas de destruição de massa, em particular atómicas, causam um enganador sentido de segurança e não podem constituir a base da convi-

vência pacífica entre os membros da família humana».

Face aos «cenários angustiantes» da geopolítica contemporânea, Francisco evocou também os desafios do terrorismo e dos “conflitos assimétricos”, favorecidos por tecnologias que se difundem através de comunicações telemáticas, e a falta de instrumentos jurídicos internacionais que «não impediram que novos Estados se juntassem ao círculo dos possuidores de armas atómicas». Contudo, não obstante isto, o Pontífice pretende acender «as luzes da esperança no nosso mundo desordenado», animado por um realismo sadio baseado, por exemplo, na histórica votação na sede da Onu, com a qual «a maior parte dos membros da comunidade internacional estabeleceu que as armas nucleares não são apenas imorais, mas devem ser consideradas inclusive um instrumento de guerra ilegítimo». Aliás, graças a este tratado, foi «colmado um vazio jurídico importante, dado que as armas químicas, as biológicas, as minas anti-pessoal e as bombas-cacho constituem armamentos expressamente proibidos através de convenções internacionais».

Por fim o Papa recordou a encíclica *Populorum progressio* de Paulo VI, frisando que só um «progresso efetivo e inclusivo pode tornar realizável a utopia de um mundo livre de armas ofensivas mortais, não obstante a crítica» de quantos «consideram idealistas os processos de desmantelamento dos arsenais».

PÁGINAS 2 E 3

No Angelus o Papa falou da parábola das dez virgens

Estar sempre prontos

«O óleo é o símbolo da caridade que alimenta, torna fecunda e credível a luz da fé», explicou o Papa Francisco ao comentar a parábola das dez virgens no Angelus domi-

nical de 12 de novembro na praça de São Pedro. Realçando o significado da narração evangélica o Pontífice frisou que a «condição para estar pronto para o encontro com o Senhor não é só a fé, mas uma vida cristã rica de amor». Com efeito, «se nos deixarmos guiar pelo que nos parece mais cómodo, pela busca dos nossos interesses, a nossa vida torna-se estéril» e «não fazemos reserva alguma de óleo para a lâmpada da nossa fé». Ao contrário, se «formos vigilantes e procurarmos realizar o bem, com gestos de amor, de partilha, de serviço ao próximo em dificuldade, podemos permanecer tranquilos enquanto esperamos a vinda do esposo».



PÁGINA 5

Caridade e espírito profético



Capela do liceu dedicado à Madre Cabrini em Nova Iorque

Foi publicado a 9 de novembro «Tra terra e cielo», um livro de Lucetta Scarriffa. Da nova biografia de madre Cabrini apresentamos o prefácio do Papa Francisco e o posfácio de Liliana Cavani

PÁGINAS 8 E 9

Um mundo sem armas atômicas

«O único modo de garantir uma paz mundial sustentável e impedir que as armas nucleares se propaguem e sejam utilizadas é aboli-las». Estão persuadidos disto os vencedores do prêmio Nobel que participaram no simpósio no Vaticano. Numa declaração entregue ao Papa Francisco, eles ressaltam ao mesmo tempo a oportunidade de «construir um sistema de segurança internacional inclusivo e equitativo, em que nenhum país sinta a necessidade de se confiar às armas nucleares». Com efeito, explicam, «seria suficiente eliminar as armas nucleares a fim de destinar os recursos necessários para esta mudança», pois «com o desarmamento as possibilidades são ilimitadas».

O documento começa com expressões de gratidão pela atenção que Francisco «presta às questões urgentes do presente», principalmente «neste momento de profunda tensão entre países dotados de armas nucleares». Em seguida, evoca «a conclusão positiva» das negociações de 7 de julho na Onu, com o Tratado para a proibição das armas nucleares, que «não obstante a falta de participação dos Estados dotados» de arsenais nucleares, «abre um caminho para ir em frente rumo a um mundo livre» das armas atômicas. De resto, a «convenção começará a estabelecer novas normas jurídicas internacionais e estigmatizará estas armas e os Estados que até agora se

recusam abandoná-las». A tal propósito, os vencedores do prêmio Nobel recordam que até os Estados que não apoiaram o Tratado de 7 de julho, mas fazem parte do Tratado de não-proliferação (NPT), ainda devem respeitar as suas obrigações.

Depois, o documento frisa os méritos da «ação comum da sociedade civil, das comunidades religiosas, das organizações internacionais e dos Estados que desejam ardentemente um mundo livre do nuclear», para alcançar resultados positivos. E garante que «no fim será o trabalho constante destes setores que abrirão o caminho a fim de que os Estados dotados de armas nucleares finalmente abandonem tais armas, capazes de cancelar num piscar de olhos a vida como nós a conhecemos. Não será uma tarefa fácil, mas é possível». Por isso, fazem votos para o início de «um mecanismo de controle multinacional da produção de material cindível», com o objetivo de contrastar «o fenómeno emergente do número sempre crescente de países que se tornam "Estados capazes de armas nucleares",

em posse da tecnologia que poderia ser usada para produzir armas nucleares». Mas, admoestam, «para que tal mecanismo funcione deve ser universal, equitativo e apolítico».

Além do «desarmamento nuclear total», a declaração chama a atenção também para os «sistemas emergentes de armas letais autónomas, que sozinhas poderiam apontar e matar seres humanos. É imperativo perguntar que ética e moralidade pode induzir os seres humanos a considerar que é justo conferir às máquinas a capacidade de matar. A melhor solução para esta iminente terceira revolução na guerra é proibir tais ar-

mas preventivamente, antes que apareçam nos campos de batalha». Porque, conclui o documento, «proibir as armas nucleares e promover a paz e o desarmamento integral significa pôr a humanidade em primeiro lugar e responder aos graves desafios que devemos enfrentar: a mudança climática; uma economia globalizada que exalta a acumulação da riqueza por amor a ela mesma, preocupando-se pouco em responder às necessidades da maioria dos bilhões de pessoas que compartilham o nosso planeta; e o terrorismo de todos os tipos, inclusive de Estado». Aliás, «as estruturas de segurança nacional que se confiam às armas, às forças militares e à projeção do poder de Estado, não podem proteger-nos dos desafios do mundo atual». Portanto, «é hora de reconhecer que a verdadeira segurança deriva da concentração nas respostas às necessidades dos indivíduos e das comunidades – segurança humana – e da proteção e promoção do bem comum».

Na audiência, o Papa foi saudado em nome de todos pelo presidente do Dicasterio para o serviço do desenvolvimento humano integral, que organizou o encontro de dois dias no Vaticano. O próprio cardeal Peter Kodwo Appiah Turkson deu as boas-vindas aos participantes na sessão inaugural, explicando as finalidades do simpósio.



Destinar uma parte das despesas militares a um fundo mundial para os pobres

Cinquenta ano após a *Populorum progressio*, o cardeal secretário de Estado Pietro Parolin lançou a proposta de Paulo VI para «a constituição de um grande fundo mundial, alimentado por uma parte das despesas militares» com o objetivo de «ajudar os mais deserdados». Aliás, parece que foi escrita hoje a denúncia do Papa Montini acerca do «escândalo intolerável da corrida aos armamentos quando tantos povos têm fome».

Intervindo na sexta-feira, 10 de novembro, na conferência sobre o desarmamento promovida pelo Dicasterio para o serviço do desenvolvimento humano integral, o secretário de Estado apresentou novamente ao mundo a proposta de Paulo VI, que embora seja «ainda muito atual, parece ser pouco realista, ou até mesmo utópica». Mas, reafirmou, «deveria ser avaliado se, fazendo referência também ao processo de realização dos Objetivos para o desenvolvimento sustentável adotados em 2015, seja possível favorecer uma reflexão sobre como relançar esta proposta, centrando-se nos recursos humanos e económicos poupados graças à redução das despesas militares, incluídas as destinadas à manutenção e à modernização dos arma-

mentos nucleares; recursos que devem ser destinados a verdadeiros objetivos de desenvolvimento e de paz».

É «uma proposta», afirmou o cardeal, que «reconhece a importância para a comunidade internacional de evitar uma abordagem míope dos problemas da segurança nacional e mundial, e de assumir ao contrário um comportamento clarividente para promover a paz e a segurança». De resto, a Santa Sé insiste sobre o facto de que «a concretização de um real processo de desarmamento internacional não pode deixar de proporcionar grandes benefícios ao desenvolvimento; um desenvolvimento humano integral não pode deixar de ter repercussões profundas e benéficas sobre as mesmas questões da segurança».

«Nestes tempos caracterizados pela incerteza e complexidade, falar de "perspetivas para um mundo livre de armas nucleares e para um desarmamento integral" parece ser pouco realista, ou até mesmo utópica» observou o cardeal. «Isso – disse – é confirmado por um dado alarmante: o aumento constante das despesas

Desafio de Paulo VI

mundiais para os armamentos, inclusive para a modernização dos arsenais nucleares».

Imprescindível ponto de partida é a pergunta que o Papa «formulou, com a sua mensagem, no passado dia 27 de março, na abertura da conferência da Onu finalizada a negociar um instrumento juridicamente vinculante para proibir as armas nucleares: por que motivo estabelecer o objetivo ambicioso e clarividente de um mundo sem armas nucleares?». A resposta do Santo Padre é o ponto de partida e o secretário de Estado quis repropô-la integralmente: «Se tomarmos em consideração as principais ameaças contra a paz e a segurança com as suas múltiplas dimensões neste mundo multipolar do século XXI, como por exemplo, o terrorismo, os conflitos assimétricos, a segurança informática, as problemáticas ambientais, a pobreza, muitas dúvidas emergem acerca da insuportabilidade da dissuasão nuclear para responder de modo eficaz a tais desafios. Estas preocupações assumem ainda mais consistência quando consideramos as catastróficas consequências humanitárias e ambientais

que derivam de qualquer utilização das armas nucleares com efeitos devastadores indiscriminados e incontrolláveis no tempo e no espaço. Semelhante motivo de preocupação emerge diante do desperdício de recursos para o nuclear com finalidades militares, que poderiam ao contrário ser utilizados para prioridades mais significativas, como a promoção da paz e do desenvolvimento humano integral, assim como a luta contra a pobreza e a atuação da Agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável. Devemos perguntar-nos também quanto é sustentável um equilíbrio baseado no medo, quando de facto ele tende a aumentar o temor e a ameaçar as relações de confiança entre os povos. A paz e a estabilidade internacionais não podem ser fundadas num falso sentido de segurança, na ameaça de uma destruição recíproca ou de um aniquilamento total, na manutenção de um equilíbrio de poder».

Destas «indicações» do Papa derivam, para o purpurado, quatro considerações. Em primeiro lugar, «a inadequação dos sistemas de defesa baseados nas armas nucleares em responder às ameaças contra a segu-

CONTINUA NA PÁGINA 3

L'OSSERVATORE ROMANO

EDIÇÃO SEMANAL • EM PORTUGUÊS
Unicuique suum • Non praevalent

Cidade do Vaticano
ed.portugues@ossrom.va
www.ossromatoromano.va

GIOVANNI MARIA VIAN
diretor

Giuseppe Fiorentino
vice-diretor

Redação
via del Pellegrino, 00120 Cidade do Vaticano
telefone +39069899420
fax +39069883975

TIPOGRAFIA VATICANA EDITRICE
L'OSSERVATORE ROMANO

don Sergio Pellini S.D.E.
diretor-geral

Serviço fotográfico
telefone +39069898797
fax +39069884998
photo@ossrom.va

Assinaturas: Itália - Vaticano: € 58,00; Europa: € 100,00 - U.S. \$ 148,00; América Latina, África, Ásia: € 110,00 - U.S. \$ 160,00; América do Norte, Oceânia: 162,00 - U.S. \$ 240,00.

Administração: telefone +390669899480; fax +390669885164; e-mail: assinaturas@ossrom.va

Para o Brasil: Impressão, Distribuição e Administração: Editora santuario, televidens: 0800-160004, fax: 0055121042036, e-mail: ossrom@editoriasantuario.com.br

Publicidade Il Sole 24 Ore S.p.A. System Comunicazione Pubblicitaria, Via Monte Rosa, 91, 20149 Milano, segreteria@redirezionsystem@ilsol24.ore.com

O Papa condenou o uso do nuclear

Não à lógica da intimidação

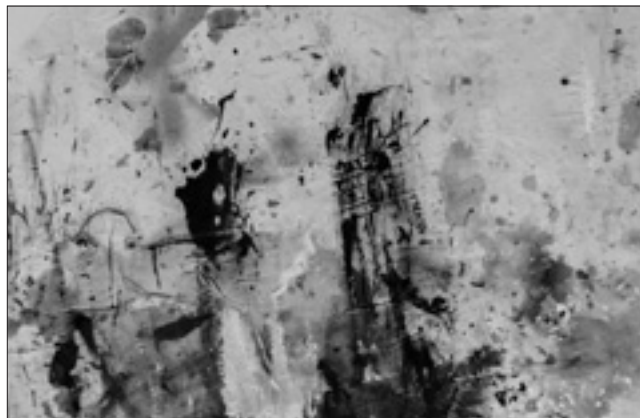
A corrida aos armamentos nucleares é funcional a «uma lógica de medo» que hoje ameaça não só os Estados em conflito mas «o inteiro género humano», foi a admoestação feita pelo Papa Francisco no discurso pronunciado na manhã de sexta-feira, 10 de novembro, na sala Clementina, durante a audiência aos participantes no congresso internacional promovido pelo Dicasterio para o serviço do desenvolvimento humano integral.

Queridos amigos!

Apresento a cada um de vós a minha cordial saudação e expresso profunda gratidão pela vossa presença e pela vossa atividade ao serviço do bem comum. Agradeço ao Cardeal Turkson as palavras de saudação e de introdução.

Viestes a este Congresso para tratar assuntos cruciais, quer em si mesmos, quer em consideração da complexidade dos desafios políticos do

sas armas devido a um erro de qualquer tipo, deve ser condenada com firmeza a ameaça do seu uso, assim como a sua posse, precisamente porque a sua existência é funcional à lógica de medo que não diz respeito apenas às partes em conflito, mas a todo o género humano. As relações internacionais não podem ser dominadas pela força militar, pelas intimidações recíprocas, pela ostentação dos arsenais bélicos. As armas de destruição de massa, em particular



Renata Pantera, «Desastre nuclear»

bakusha, ou seja, as pessoas atingidas pelas explosões de Hiroshima e Nagasaki, assim como a das outras vítimas dos experimentos das armas nucleares: que a sua voz profética seja

nea parece estar atordoada devido aos desvios dos projetos concebidos no seu seio, talvez originariamente para uma boa causa. É suficiente pensar que as tecnologias nucleares se difundem até através das comunicações telemáticas e que os instrumentos de direito internacional não impediram que novos Estados se juntassem ao círculo dos possuidores de armas atômicas. Trata-se de cenários angustiantes se pensarmos nos desafios da geopolítica contemporânea, como o terrorismo ou os conflitos assimétricos.

Contudo, um realismo sadio não deixa de acender luzes de esperança sobre o nosso mundo desorganizado. Por exemplo, de recente, através de uma histórica votação na sede da ONU, a maior parte dos Membros da Comunidade Internacional estabeleceu que as armas nucleares não somente são imorais mas devem ser consideradas inclusive um instrumento de guerra ilegítimo. Deste modo, foi colmado um vazio jurídico importante, dado que as armas químicas, as biológicas, as minas antipessoais e as bombas-cacho são todos armamentos expressamente proibidos através de Convenções internacionais. Ainda mais significativo é o facto de que estes resultados são devidos principalmente a uma “iniciativa humanitária” promovida por uma válida aliança entre sociedade civil, Estados, Organizações internacionais, Igrejas, Academias e grupos de peritos. Neste contexto se insere também o documento que vós, distinguidos com o Prémio Nobel da Paz, me entregastes e pelo qual ex-

CONTINUA NA PÁGINA 7

Objetivo a longo prazo

Em dezembro de 2013 a assembleia geral da Onu proclamou 26 de setembro como dia internacional para a abolição total das armas. A partir do ano seguinte a celebração é comemorada com um encontro de alto nível, que na última convocação teve lugar no Palácio de vidro de Nova Iorque, poucos dias depois da abertura à assinatura do Tratado para a proibição das armas nucleares (Treaty on the Prohibition of Nuclear Weapons), que teve lugar no passado dia 20 de setembro. Naquela mesma data o Tratado foi ratificado contextualmente pela Santa Sé, Guiana e Tailândia. Ele foi votado a 7 de julho em grande maioria – contudo na ausência dos Estados dotados de arsenais nucleares – no final das negociações iniciadas em março passado (de 27 a 31) que prosseguiram de 15 de junho até à data de adoção, passando a ser o primeiro tratado internacional legalmente vinculante para a completa proibição das armas nucleares, tornando-as ilegais, em vista da sua completa eliminação. Ele acrescenta-se assim a outros dois precedentes instrumentos jurídicos internacionais que têm o

objectivo comum de promover o desarmamento atómico: o Tratado de não-proliferação das armas nucleares (Non-Proliferation Treaty, NPT), aberto à assinatura em 1968 que entrou em vigor em 1970, ao qual a Santa Sé aderiu em 1971; e aquele sobre a proibição global das experimentações nucleares (Comprehensive-Nuclear-Test-Ban Treaty, CTBT), ao qual aderiram até agora 166 Estados – entre os quais a Santa Sé, que o assinou em 2001 – mas que ainda não pode entrar em vigor porque falta a ratificação de 8 Estados entre os quais aqueles que possuem instalações nucleares.

Portanto, o CTBT pretende limitar a habilidade dos Estados a desenvolver armas nucleares e por conseguinte incide não tanto sobre a quantidade dos armamentos atômicos, como o NPT, como sobre a sua qualidade.

Em síntese, o Tratado para a proibição das armas nucleares completa um tríplice de instrumentos jurídicos entre si complementares para alcançar o objetivo a longo prazo de um mundo livre da ameaça nuclear.

atual cenário internacional, caracterizado por um clima instável de conflitualidade. Um pessimismo sombrio poderia levar-nos a considerar que as “perspetivas para um mundo livre das armas nucleares e para um desarmamento integral”, como recita o título do vosso encontro, parecem ser cada vez mais remotas. É um dado de facto que a espiral da corrida aos armamentos não conhece trégua e que os custos de modernização e desenvolvimento das armas, não só nucleares, representam um item considerável de despesa para as nações, a ponto de ter que pôr em segundo plano as prioridades reais da humanidade sofredora: a luta contra a pobreza, a promoção da paz, a realização de projetos no campo da educação, da ecologia, da saúde e o desenvolvimento dos direitos humanos.¹

Depois, não podemos deixar de ter um grande sentimento de iniquitação se considerarmos as catastróficas consequências humanitárias e ambientais que derivam de qualquer uso dos dispositivos nucleares. Por conseguinte, mesmo considerando o risco de uma explosão acidental des-

as atômicas, geram unicamente um sentido enganador de segurança e não podem constituir a base da convivência pacífica entre os membros da família humana, que ao contrário deve inspirar-se numa ética de solidariedade.² Sob este ponto de vista é insubstituível o testemunho dos Hi-

uma admoestação sobretudo para as novas gerações!

Além disso, as armas que têm como efeito a destruição do género humano são inclusive ilógicas a nível militar. De resto, a ciência verdadeira está sempre ao serviço do homem, enquanto a sociedade contemporâ-

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 2

rança nacional e internacional do século XXI». A segunda consideração é «o impacto catastrófico sob o ponto de vista humanitário e ambiental devido à utilização de engenhos explosivos nucleares». A terceira, diz respeito «à dispersão de recursos humanos e económicos para a sua modernização; recursos que são subtraídos à complexa concretização dos objetivos como a paz e o desenvolvimento humano integral». Por fim, a quarta consideração sugerida pelo cardeal é relativa

Fundo mundial para os pobres

«à instauração de um clima de medo, de desconfiança e de contraposição».

«Uma resposta concreta a estas argumentações – explicou – foi a recente adoção e abertura à assinatura do Tratado para a proibição das armas nucleares, que a 20 de setembro foi ratificado também pela Santa Sé, a qual encoraja os Estados não só a aderir ao Tratado, mas também a procurar compreendê-lo à letra e no espírito e a dar seguimento a quanto foi por ele promovido». O Tratado «insere-se no importante regime internacional

sobre a eliminação das armas nucleares», e «reconhece a importância quer da educação à paz e ao desarmamento em todos os seus aspectos, quer da sensibilização sobre os riscos e as consequências das armas nucleares». Portanto, servem iniciativas para «favorecer uma cultura que rejeita as armas nucleares, uma cultura da vida e da paz, baseada na dignidade do ser humano e na primazia do direito, através também de um multilateralismo fundado no diálogo e na cooperação responsável, honesta e coerente».

Aos católicos italianos o Papa pediu para assimilar a «Amoris laetitia»

Família antídoto contra o individualismo

É bom não confundir «a primazia da consciência, que deve ser sempre respeitada, com a autonomia exclusiva do indivíduo no que se refere às relações que vive». O Papa adverte contra este risco numa mensagem vídeo enviada aos participantes no simpósio internacional realizado em Roma na manhã de sábado 11 de novembro por iniciativa da secção para a pastoral familiar da Conferência episcopal italiana.

Amados irmãos e irmãs, bom dia!

Saúdo cordialmente todos vós que participais no terceiro Simpósio internacional sobre a Exortação apostólica *Amoris laetitia*, convocado pela Secção para a pastoral familiar da Conferência Episcopal italiana.

O tema que vos propusestes: “O Evangelho do amor entre consciência e norma”, é de grande relevo e

pode iluminar o percurso que as Igrejas na Itália estão a realizar, até para responder ao desejo de família que emerge no ânimo das jovens gerações. O amor entre homem e mulher evidentemente é uma das experiências humanas mais generativas, é fermento da cultura do encontro e dá ao mundo atual uma injeção de socialização: deveras «o bem da família é decisivo para o futuro do mundo e da Igreja».¹ Precisamente a família nascida do matrimónio gera vínculos fecundos, que resultam ser o antídoto mais eficaz contra o individualismo que se alastra; contudo, no caminho do amor conjugal e da vida familiar há situações que exigem escolhas difíceis, a serem feitas com retidão. Na realidade doméstica por vezes apresentam-se dificuldades concretas que devem ser enfrentadas com consciência prudente por parte

de cada um. É importante que os esposos, os pais não sejam deixados sozinhos, mas acompanhados no compromisso de aplicar o Evangelho na prática da vida. Por outro lado, sabemos bem que «somos chamados a formar as consciências, não a pretender substituí-las».²

O mundo contemporâneo corre o risco de confundir a primazia da consciência, que se deve respeitar sempre, com a autonomia exclusiva do indivíduo no que se refere às relações que vive.

Como disse recentemente à Pontifícia Academia para a Vida «alguns chegam a falar de *egolatria*, ou seja, de um verdadeiro culto do ego, sobre cujo altar são sacrificadas todas as coisas, inclusive os afetos mais queridos. Esta perspectiva não é inócua: ela plasma um sujeito que se contempla continuamente ao espe-



Romano Guardini

lho, a ponto de se tornar incapaz de dirigir o olhar para os outros e para o mundo. A propagação desta atitude tem consequências extremamente graves para todos os afetos e vínculos da vida».³ Isto é uma “poluição” que corrói os ânimos e confunde as

CONTINUA NA PÁGINA 5

Para a receção da Exortação apostólica em África

O evangelho na vida familiar

PIERANGELO SEQUERI

A experiência fundamental do amor e dos vínculos humanos hoje deve ser procurada, querida, desejada e construída mais profundamente. Com efeito, já não é confiada simplesmente ao hábito e à repetição dos esquemas de vida preconstituídos e preestabelecidos. Ela quer ser hoje em dia livremente decidida por cada pessoa, interpretada com base nos afetos autênticos e nas convicções profundas. A expectativa e a esperança de uma vida conjugal e familiar bem sucedida permanece forte

real de um bom êxito do matrimónio conforme o ideal cristão. Portanto, é muito importante que os crentes mais generosos – e a Igreja toda – sejam sensíveis a esta aspiração, e aceitem medir-se com as suas dificuldades atuais, dedicando à reflexão e à formação uma especial “inteligência do amor” (como nos recomendou o Papa Francisco, na importante audiência de inauguração do passado ano académico).

Sentimo-nos sem dúvida interperados por este apelo, que solicita dedicação e inteligência em relação à condição familiar do nosso tempo. Aliás, o nosso compromisso é qualificado também por uma missão institucional específica, na qual estamos engajados de modo especial como colaboradores da Santa Sé.

O compromisso de adequar, também em termos de estrutura institucional, este novo perfil cultural do nosso serviço teológico, aliás acabou de ser confirmado, *per tabulas*, inclusive no Motu proprio que refundou a nova estrutura eclesial e académica do instituto... o Papa Francisco, porém, não quer simplesmente conservar o existente, deseja abrir-lhe um futuro. E põe a sua assinatura e confiança neste

projeto. Relança a intuição clarividente e o legado precioso da sua primeira fundação como um tesouro que deve ser preservado e enriquecido. E confia-nos pessoalmente a tarefa de redefinir este centro de estudo, de pesquisa e de formação, nos

termos mais apropriados às exigências do projeto pastoral que a Igreja pós-sinodal está empenhada em construir. Dar respostas a uma confiança tão grande, e aplicar-nos seriamente nesta tarefa de renovação, será para nós motivo de alegria e de dedicação sem reservas.

Os talentos recebidos, sabemo-lo graças ao claro ensinamento do nosso Mestre, não devem ser enterrados com medo de os perder; mas devem ser aplicados, aceitando a aposta de um investimento que produza nova riqueza, como o Senhor espera.

Qual campo devemos trabalhar e qual investimento temos que rentabilizar?

Em primeiro lugar, falamos de “Igreja e família”. Na perspectiva definida claramente pela exortação pós-sinodal do Papa Francisco, *Amoris laetitia*, a união da Igreja e das famílias indica um vínculo indissolúvel: que deve tornar-se também ícone de referência da *forma ecclesiae*. A Igreja tem que aparecer – e ser realmente – uma realidade familiar: ou seja, deve haurir forma e força do vínculo conjugal, amoroso e fecundo, do homem e da mulher; deve figurar como uma rede evangélica e fraterna de comunidades familiares; deve estabelecer o seu habitat elementar, e mais fundamental, na frequentação das virtudes domésticas que enchem de humanidade a transmissão da vida e do sentido da vida. A ideia (a realidade) da Igreja deve tornar-se de novo amiga da imagem (e da realidade) familiar. Nesta amizade devem iluminar-se identidade cristã da comunidade religiosa dos crentes e ao mesmo tempo a missão evangélica que anuncia a proximidade de Deus. Esta proximidade deve conseguir sensibilizar o coração dos homens, das mulheres e das crianças de todas as regiões da terra, “até aos confins do mundo”.

O que significa imaginar e praticar uma forma de Igreja que encontre a sua persuasão e a sua força, no coração dos homens, e em primeiro lugar nesta conversão à centralidade da sua dimensão familiar? *Amoris laetitia* é inequívoca, na intenção global de redefinir nesta chave a realidade e o estilo da efetividade eclesial.

Para alcançar a coerência exigida por esta integração, que é central para a missão, a comunidade cristã deve frequentar evangelicamente – e não simplesmente instruir sob o ponto de vista doutrinário – a condição familiar dos homens, das mulheres e das crianças do mundo. Sem se eximir das suas difíceis fadigas, sem se afastar das suas circunstâncias dramáticas. A palavra e a ação evangelizadora de Jesus sobre este aspeto têm uma transparência cristalina. O Senhor não se subtrai de maneira alguma às feridas da condição humana, que são sempre, de formas diferentes, também feridas que dizem respeito aos afetos humanos. E, antes de tudo, aos afetos conjugais e familiares. Mais em geral, e num sentido antropológico fundamental, trata-se de restituir à aliança do homem e da mulher toda a amplitude da missão que eles receberam de Deus em relação ao mundo criado e à história dos povos. Esta aliança deve adquirir uma importância decisiva na vida da sociedade humana e da própria comunidade de fé.

A tarefa que nos espera, se quisermos apoiar da melhor forma a inteligência das relações – boas e difíceis, entusiasmantes e dramáticas – que o Evangelho suscita em termos de afetos humanos, não é banal. A necessidade de reconciliação entre estes dois aspetos, que não podem ser separados, já é fortemente sentido pela consciência cristã do nosso tempo.

Encontro em Cotonou

Promover a receção e o estudo da *Amoris laetitia* em África: é um dos objetivos para o qual está a trabalhar o Pontifício instituto teológico João Paulo II para as ciências do matrimónio e da família, fundado pelo Papa Francisco a 8 de setembro deste ano com o Motu proprio *Summa familiae cura*. Com esta finalidade o grão-chanceler, arcebispo Vincenzo Paglia, reitor da Pontifícia academia para a vida, foi recentemente ao Benim onde teve uma série de encontros com o diretor do instituto. Na sexta-feira de 3 de novembro pronunciou em Cotonou uma conferência sobre «Igreja e família» da qual publicamos um amplo excerto.

nas aspirações das jovens gerações. Contudo, hoje os jovens estão mais conscientes – e, em certa medida, também preocupados – das grandes dificuldades que o projeto familiar encontra na condição atual. E têm mais incertezas sobre a possibilidade

No Angelus a parábola das dez virgens

Devemos estar sempre prontos

«O óleo é o símbolo da caridade que alimenta, que torna fecunda e credível a luz da fé», uma vez que «a fé inspira a caridade, e a caridade preserva a fé», explicou o Papa Francisco comentando a parábola das dez virgens, durante o Angelus dominical de 12 de novembro na praça de São Pedro. Em seguida, a reflexão do Pontífice.

Bom dia, queridos irmãos e irmãs!

Neste domingo, o Evangelho (cf. Mt 25, 1-13) indica-nos a condição para entrar no Reino dos céus, e fá-lo com a parábola das dez virgens: trata-se daquelas donzelas que eram encarregadas de receber e acompanhar o esposo na cerimónia de casamento, e dado que naquela época se costumava celebrá-la à noite, as damas de honra levavam lâmpadas consigo.

A parábola diz que cinco daquelas virgens são sábias e cinco insensatas: com efeito, as sábias levaram consigo óleo para as lâmpadas, e as insensatas não. O esposo tarda a chegar e todas adormecem. À meia-noite é anunciada a chegada do esposo; então, as virgens insensatas dão-se conta de que não têm óleo para as lâmpadas, e pedem-no às sábias. Mas elas respondem que não podem dá-lo, porque não seria suficiente para todas. Portanto, enquanto as insensatas vão em busca do óleo, chega o esposo; as virgens sábias entram com ele na sala do banquete e a porte fecha-se. As cinco insensatas voltam tarde demais e batem à porta, mas a resposta é: «Não vos conheço» (v. 12), e permanecem fora.

O que Jesus nos quer ensinar com esta parábola? Recorda-nos que devemos estar prontos para o encontro com Ele. Muitas vezes, no Evangelho, Jesus exorta a vigiar, e fá-lo

também no final desta narração. Reza assim: «Vigiai, pois, porque não sabeis nem o dia nem a hora» (v. 13). Mas com esta parábola diz-nos que vigiar não significa apenas não dormir, mas estar preparado; com efeito, todas as virgens dormem antes que o esposo chegue, mas quando se acordam algumas estão prontas e outras não. Portanto, este é o significado de ser sensato e prudente: trata-se de não esperar o último momento da nossa vida para colaborar com a graça de Deus, mas de o

Senhor não é apenas a fé, mas uma vida cristã rica de amor e de caridade pelo próximo. Se nos deixarmos guiar por aquilo que parece mais cómodo, pela busca dos nossos interesses, a nossa vida torna-se estéril, incapaz de dar vida aos outros, e não acumulamos reserva alguma de óleo para a lâmpada da nossa fé; e ela — a fé — apagar-se-á no momento da vinda do Senhor, ou ainda antes. Ao contrário, se formos vigilantes e procurarmos praticar o bem com gestos de amor, partilha e servi-

através da caridade; a fim de que a nossa lâmpada possa resplandecer já aqui, no caminho terreno, e depois para sempre, na festa de bodas no paraíso.

No final da oração mariana o Sumo Pontífice recordou a beatificação dos mártires vicentinos durante a guerra civil espanhola, celebração que teve lugar no dia precedente em Madrid, e por fim saudou os vários grupos de fiéis presentes.

Caros irmãos e irmãs!

Ontem, em Madrid, foram proclamados beatos Vicente Queralt Lloret e 20 companheiros mártires; e José María Fernández Sánchez e 38 companheiros mártires. Alguns dos novos beatos eram membros da *Congregação da Missão*: sacerdotes, irmãos coadjutores, noviços; outros eram leigos pertencentes à *Associação da Medalha Milagrosa*. Todos foram assassinados por ódio à fé, durante a perseguição religiosa ocorrida ao longo da guerra civil espanhola, de 1936 a 1937. Demos graças a Deus pela grande dádiva destas testemunhas exemplares de Cristo e do Evangelho.

Saúdo todos vós, famílias, paróquias, associações e fiéis individualmente, que viestes da Itália e de muitas regiões do mundo. Em particular, saúdo os peregrinos provenientes de Washington, Filadélfia, Brooklyn e Nova York; o coral paroquial Santa Maria Madalena, de Nurgas (Sardenha); os fiéis de Tuscania, Ercolano e Venezia; a Sociedade de boccia, de Rosta; e os crismandos de Gollignano.

Desejo bom domingo a todos. Por favor, não vos esqueçais de rezar por mim. Bom almoço e até à vista!



Enrico Ganz, «Parábola das virgens sábias e insensatas» (detalhe)

fazer já agora. Seria bom pensar um pouco: um dia será o último. Se fosse hoje, como estou preparado, preparada? Mas devo fazer isto e aquilo... Preparar-se como se fosse o último dia: isto faz bem.

A lâmpada é o símbolo da fé que ilumina a nossa vida, enquanto o óleo é o símbolo da caridade que alimenta, que torna fecunda e credível a luz da fé. A condição para estarmos prontos para o encontro com

ço ao próximo em dificuldade, poderemos permanecer tranquilos enquanto esperamos a vinda do esposo: o Senhor poderá chegar a qualquer momento, e nem sequer o sono da morte nos apavora, porque dispomos de uma reserva de óleo, acumulada com as boas obras de todos os dias. A fé inspira a caridade, e a caridade preserva a fé.

A Virgem Maria nos ajude a tornar a nossa fé cada vez mais ativa

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 4

mentes e os corações, causando ilusões falsas.

Romano Guardini, num seu texto sobre o tema da consciência, indica o caminho para a busca do verdadeiro bem. Escreve: «Desta prisão de mim mesmo eu me liberto unicamente se encontro um ponto, que não seja o meu eu; uma elevação

acima de mim. Algo de sólido e ativo que se afirme no meu interior. E eis que chegamos ao núcleo da questão [...] ou seja, à realidade religiosa. Aquele bem [...] é algo vivo. [...] é a plenitude de valor do próprio Deus vivo».⁴

Existe no íntimo de cada pessoa um lugar onde o Mistério se revela e

ilumina a pessoa tomando-a protagonista da sua história. A consciência — recorda o Concílio Vaticano II — é este «centro mais secreto e o santuário do homem, no qual se encontra a sós com Deus, cuja voz se faz ouvir na intimidade do seu ser».⁵ Ao cristão compete vigiar a fim de que nesta espécie de tabernáculo não falte a graça divina, que ilumina e fortalece o amor conjugal e a missão genitorial. A graça enche as «ânforas» dos corações humanos com uma extraordinária capacidade de doação, renovando para as famílias de hoje o milagre das bodas de Caná.

Comentando aquele episódio evangélico, tive a ocasião de dizer que «transformando em vinho a água das ânforas utilizadas para a purificação ritual dos Judeus» (v. 6), Jesus realiza um sinal eloquente: transforma a Lei de Moisés em Evangelho, portador de alegria».⁶ Em particular, Jesus indica o remédio da misericórdia, que cura a dureza de coração, restabelecendo as re-

lações entre marido e esposa e entre pais e filhos.

Queridos irmãos e irmãs, desejo o melhor sucesso do vosso trabalho neste Simpósio. Que ele possa ajudar a Igreja na Itália a assimilar e a desenvolver os conteúdos e o estilo da *Amoris laetitia*; contribua para a formação dos animadores dos grupos familiares nas paróquias, nas associações, nos movimentos; possa apoiar o caminho de tantas famílias, ajudando-as a viver a alegria do Evangelho e a serem células ativas na comunidade. Abençoem-vos de coração, e peço-vos por favor que rezeis por mim.

¹ Exort. ap. pós-sin. *Amoris laetitia*, 31.

² *Ibid.*, 37.

³ *Discurso aos participantes na Assembleia Geral da Pontifícia Academia para a Vida*, 5 de outubro de 2017.

⁴ *La coscienza* [A consciência], Brescia 1933, 32-33.

⁵ Const. past. *Gaudium et spes*, 16.

⁶ *Catequese* na Audiência geral de 8 de junho de 2016.

Aos católicos italianos

Círculo de São Pedro a favor dos pobres

Também este ano o Círculo de São Pedro renovou o seu compromisso de caridade pelos pobres da cidade de Roma em vista das festividades natalícias.

Na noite de 11 de novembro, em Santa Maria «in Vallicella» realizou-se um concerto de música sacra organizado em colaboração com a embaixada da Hungria junto da Santa Sé e com o instituto Balassi, oferecido pela cidade de Debrecen a favor das obras do Círculo.

No dia 15 de novembro, na sede de São Calisto, realizou-se a habitual exposição de objetos para prendas, decoração e artigos natalícios com a qual a associação recolhe fundos destinados a apoiar as obras sociais que há 148 anos oferecem ajuda às pessoas mais carentes de Roma.

Latinoamérica

Publicado a 30 de outubro na Argentina um livro que reúne conversas com o Pontífice

HERNÁN REYES ALCAIDE

Uma visão de Francisco sobre a América Latina, mas também um olhar sobre o pontificado, analisado pessoalmente pelo primeiro Papa que provém dessa parte do mundo. Eis, em síntese, o fio condutor que une os quatro encontros com o Pontífice, realizados durante o último verão, de julho a agosto, em Santa Marta.

Mas a ideia do livro já tinha começado a delinear-se há mais de um ano, a bordo do avião papal, na viagem rumo à Arménia, em 24 de junho de 2016, quando entreguei a Francisco um vídeo a propósito do progresso dos trabalhos sobre o Arquivo Alberto Methol Ferré, realizados pela Universidade de Montevideo, no Uruguai, que reúne escritos, documentos e a biblioteca pessoal desse historiador uruguaio, um dos mais importantes intelectuais católicos latino-americanos do século XX.

Aquele breve encontro levou-me a reconsiderar algumas declarações proféticas de Methol, antes do conclave de 2005: «Ainda não chegou a hora de um Papa latino-americano»,



Um mural pintado por ocasião da visita do Papa ao México

balanço daquela assembleia, na qual o arcebispo *portenho* presidiu à comissão encarregada de preparar o Documento final.

Aquela Conferência teve uma continuidade concreta já nos primeiros meses do pontificado de Francisco: o documento de Aparecida foi o livro que receberam das mãos do Papa os primeiros governantes latino-americanos que o visitaram no Vaticano em 2013.

Assim, este décimo aniversário constituiu a ocasião para propor ao primeiro Papa, natural da América Latina na história praticamente milenária da Igreja católica, que fizesse uma reflexão acompanhada da revisitação de alguns aspetos centrais do documento de Aparecida: a missão continental; a religiosidade ou piedade popular; a definição de “contínente da esperança”, com a qual Bento XVI se tinha apresentado aos bispos latino-americanos; os desafios pastorais e a definição de “excluídos” e “descartados”, que em seguida se desenvolveu a ponto de se tornar uma parte constitutiva do seu magistério.

O contexto mundial da Conferência de Aparecida tinha pouco a ver com o atual, em muitas regiões do planeta. Talvez a América Latina seja a parte do mundo que, a partir daquela época, experimentou mais transformações. A região encontrava-se num ciclo positivo de crescimento económico, que constituía a moldura da convivência de diversas experiências, cada qual com os seus matizes, com orientações populares, principalmente no Brasil, Argentina, Uruguai, Chile e Bolívia. Em conformidade com a Comissão económica para a América Latina e do Caribe (Cepal), de 2003 a 2007 verificou-se o maior aumento do produto interno bruto por habitante desde os

anos setenta, com quatro anos consecutivos de crescimento superior a 3 por cento por ano. Para 2017, depois de dois anos de recessão na economia latino-americana, o mesmo organismo previu uma taxa três vezes inferior, calculando um crescimento económico limitado de 1,1 por cento.

Nesta mesma década, o conclave escolheu um jesuíta latino-americano como máxima autoridade dos 1.285 milhões de católicos que vivem nos cinco continentes. E 49 por cento deles vive nos países latino-americanos, nos Estados Unidos e no Canadá, onde residem numerosíssimos *latinos*. As conversas com o Pontífice, reunidas neste livro, procuram constituir uma ponte entre a sua história e o bispo de Roma.

No início, *Latinoamérica* recorda precisamente a quinta Conferência geral do episcopado latino-americano que, em Aparecida em 2007, marcou de certa forma — segundo não poucos observadores — o início conceitual do pontificado. Concretamente, e de maneira indubitável, foi devesa relevante o papel desempenhado naquela Conferência pelo então arcebispo de Buenos Aires.

«Desde o início, Bergoglio encorajou uma participação ampla e livre. Com efeito, a linguagem e a ênfase de Bergoglio estão presentes em todo o texto, não obstante o documento seja uma autêntica obra coletiva, com um estilo heterogêneo, escrita a várias mãos», afirmou alguns anos mais tarde o reitor da Universidade católica argentina, Víctor Manuel Fernández.

Na primeira parte do livro, Francisco reitera as suas críticas ao clericalismo. Sucessivamente, fala dos sacerdotes que trabalham todos os dias nas *villas* argentinas, nas *favelas* brasileiras e noutros lugares de exclusão, nas grandes cidades latino-americanas. O Pontífice reconhece concretamente que os habitantes dos bairros mais pobres do continente sentem aqueles sacerdotes como membros das suas comunidades, uma vez que vivem como eles, compartilhando os seus receios, sonhos e inseguranças.

Com determinação, mas com a simplicidade do pastor que sabe muito bem como é difundida a necessidade da palavra do Papa, Francisco pede respeito e afeição pelas

diversas realidades que compõem a Igreja na América Latina.

No capítulo dois entram em cena várias questões sociais. Assim, Francisco examina com grande atenção o papel das mulheres na Igreja, naquele parte do mundo, indicando com exatidão a diferença entre as definições de “popular” e de “populismo” no contexto do abuso, muitas vezes com tons pejorativos, de alguns termos que têm significados diferentes de um lado para o outro do Atlântico.

Sem descuidar a sua solicitude pelo povo fiel de Deus, o Sumo Pontífice responde, por exemplo, à pergunta sobre os desafios pastorais apresentados por uma problemática que Aparecida tinha entrevisto e que hoje aumentou de maneira exponencial: as elevadíssimas concentrações de pessoas que vivem nas periferias das metrópoles sul-americanas.

As complexas realidades sobre as quais o Papa responde não são poucas: por exemplo, a propósito do modo de falar aos jovens de hoje que vivem, em muitas partes do planeta e até do chamado primeiro mundo, marginalizados por causa da droga e da delinquência, devido à falta de oportunidades.

No mundo da prisão, reconhece a coragem das mulheres em relação aos organismos penitenciários e põe em evidência o exemplo daqueles presos que, através do trabalho, conseguem inserir-se de novo na sociedade. Visão social e pastoral entrelaçam-se nas suas palavras, com o objetivo de ressaltar a necessidade de um horizonte de esperança para a população carcerária, e não só na América Latina.

Nesta parte do livro, o direito ao trabalho como eixo fulcral do discurso de Francisco — como já afirmou ao longo do ano durante várias visitas a cidades italianas — torna-se um tema central. Revisitando parcialmente a Exortação apostólica *Evangelii gaudium* e acrescentando novos pontos de vista, o Pontífice afirmou que procurar proporcionar uma vida digna através do acesso ao trabalho só pode ser rotulado negativamente quando se age a partir de uma ideologia de neoliberalismo acentuado, e talvez extremo.

Sucessivamente, a conversa focalizou duas experiências que surgiram na América Latina e depois se tornaram eixos centrais do seu pontificado: o diálogo entre as religiões e o ecumenismo. Nestas páginas Bergoglio fala sobre a sua origem familiar, na Buenos Aires onde nasceu, cresceu e amadureceu, e da sua tomada de consciência a propósito destas temáticas.

No capítulo quatro delinea-se o retrato do político católico latino-americano. Neste trecho do livro Francisco pronuncia-se a respeito de assuntos como a corrupção, a proximidade em relação ao outro e o modo como a Igreja fala aos políticos, formulando um apelo a favor da democracia. O Papa pede que a vida cristã leve a contagiar todas as atividades do político que se reconhece

Seis capítulos

No dia 30 de outubro foi editado na Argentina *Latinoamérica*, um livro de quase duzentas páginas que reúne as longas conversas do Papa Francisco com o jovem jornalista uruguaio Hernán Reyes Alcaide, correspondente de Roma e do Vaticano da agência de imprensa argentina Télam. Publicado pela editora Planeta, o volume contém na abertura um escrito do autor e uma breve introdução do Sumo Pontífice a respeito do papel da Igreja na América Latina, onde vive praticamente metade dos católicos do mundo inteiro. As conversas com o Santo Padre foram subdivididas em seis capítulos e completadas por sete discursos que o próprio Papa pronunciou no Brasil, Equador, Bolívia, Paraguai, Cuba, México e Colômbia. O autor apresenta a sua obra neste artigo escrito para «L'Osservatore Romano».

declarou então o intelectual uruguaio ao diário de Buenos Aires «La Nación», acrescentando em seguida: «Sou um grande defensor de Joseph Ratzinger. Penso que ele é o homem mais indicado para ser Papa neste momento».

Daquela breve diálogo com o Santo Padre a dez mil metros de altura surgiu uma primeira pergunta, que no entanto permaneceu à espera de uma resposta: estava porventura o cardeal Jorge Mario Bergoglio de acordo com aquela afirmação do seu amigo Methol?

Um segundo detonador acelerou a redação do livro. Com efeito, o aproximar-se do décimo aniversário da quinta Conferência do episcopado latino-americano, que teve lugar em Aparecida, no Brasil, em maio de 2007, parecia uma ocasião singular para procurar traçar um primeiro

Cerimónia nos jardins do Vaticano

Nossa Senhora de Caacupé e duas árvores

Branco e amarelo: são as cores das flores dos dois exemplares de lapacho – a árvore nacional do Paraguai – plantadas na manhã de quinta-feira, 9 de novembro, nos jardins do Vaticano. E branco e amarelo são também os tons que predominam no artístico mosaico da Virgem de Caacupé colocado no jardim, ao longo do bastião do Mestre.

Oferecidos em dom ao Papa e à Santa Sé pelo país latino-americano, as duas árvores e o mosaico foram inaugurados durante uma cerimónia realizada na presença do cardeal

Giuseppe Bertello, presidente do Governatorato do Estado da Cidade do Vaticano, o qual sublinhou, em particular, que a imagem mariana representa o sinal da comunhão do povo paraguaio com o Pontífice e do afeto que nutre por ele.

Participaram na bênção do mosaico os bispos do país guiados pelo presidente da Conferência episcopal, Edmundo Ponciano Valenzuela Melid, arcebispo de Asunción, que recordou o papel desempenhado pela Virgem Maria na evangelização do povo. Ao frisar que o santuário de

Caacupé, a cerca de cinquenta quilómetros da capital, foi e ainda é hoje um ponto de referência para toda a nação, o prelado agradeceu ao autor da obra, mestre Albano Poli, e ao seu seu atelier «Progetto arte Poli».

Significativa foi a presença do presidente da República Horacio Manuel Cartes Jara – recebido pelo Santo Padre no final da manhã – o qual evidenciou o vínculo entre a nação e Nossa Senhora de Caacupé, “nossa Senhora dos milagres”, invocada e venerada por todos os paraguaios. O presidente recordou também que, como narra a lenda, a Virgem protegeu um índio guarani convertido ao cristianismo, o qual como sinal de gratidão esculpiu a imagem. Também hoje, depois de vários séculos, Nossa Senhora continua a proteger os paraguaios, não só os que residem no país, mas também os numerosos que vivem no estrangeiro. Além disso, Cartes Jara recordou que foi precisamente o cardeal Jorge Mario Bergoglio quem acolheu, no momento da chegada, a Virgem de Caacupé na catedral de Buenos Aires em novembro de 2010.

Depois de ter benzido o mosaico, foram plantados dois exemplares de lapacho ou tajá (*tabebuia impetiginosa*), um de inflorescência branca e outro amarela. Típicos das florestas amazónicas e das montanhas do Paraguai, constituem o emblema nacional do país. E foram escolhidos para representar as cores da bandeira do Estado da Cidade do Vaticano.



O mosaico da Virgem (1,70 metros de altura e 1,20 de largura) foi oferecido pelo embaixador do Paraguai junto da Santa Sé, Esteban Kriskovich – que presenciou a cerimónia – ao passo que os dois lapachos foram doados pelas irmãs do Silêncio da diocese de Caacupé. Estavam presentes, entre outros, o bispo Fernando Vêrgez Alzaga, secretário-geral do Governatorato, Rafael García de la Serrana Villalobos, diretor dos serviços técnicos, e alguns membros do governo do Paraguai e do corpo diplomático acreditado junta da Santa Sé.

Audiência ao presidente do Paraguai

Na manhã de quinta-feira 9 de novembro o Papa Francisco recebeu em audiência Horacio Manuel Cartes Jara, presidente da República do Paraguai acompanhado pelo séquito



CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 6

católico, e que não se reduza à re-quentação da missa.

Por que razão o Pontífice distingue o corrupto do pecador? Na sua explicação, o Papa procede de modo detalhado, segundo uma ótica teológica que põe o perdão no centro. As suas considerações, que abrangem o apelo aos leigos, acabam com um vigoroso convite a preservar precisamente a democracia.

Após o anúncio do Sínodo sobre a Amazônia, convocado para o mês de outubro de 2019, o capítulo cinco aborda o tema da defesa da biodiversidade e, juntamente com ela, outro eixo definido em Aparecida: a sociodiversidade. A que ponto está o continente? A xenofobia arguta, que estava no centro de uma sua homília proferida no bairro da Boca quando era arcebispo, pode levar a ulteriores formas de violência?

Em seguida o Pontífice define a Carta encíclica *Laudato si'*, publicada em 2015 e adotada como roteiro em vários países, um escrito social e recorda a sua origem, rejeitando de maneira decidida que ela seja catalogada apenas como uma encíclica “verde”.

As conversas concluem-se com uma série de temas reunidos como desafios da região e a partir da região, onde Bergoglio reflete com um olhar pastoral sobre as novas realidades latino-americanas. Francisco aproveita também a ocasião para recordar algumas figuras esquecidas que, ao contrário, desempenharam um papel fulcral no catolicismo, de São Pedro Claver a Bartolomeu de las Casas.

Conversas com o Santo Padre

Deste modo, os acordos de paz na Colômbia, que o Pontífice visitou no passado mês de setembro, fazem parte da sua reflexão sobre a reconciliação e a amizade. E diante das novas realidades que as migrações pressupõem como novo fenómeno demográfico, Bergoglio explica o que significa do ponto de vista dos desafios pastorais o aumento da po-

pulação de origem latina nos Estados Unidos da América.

Na parte conclusiva o Papa reflete sobre a figura de Paulo VI, talvez o grande ignorado da história recente, sublinhando a sua importância pastoral para a América Latina e a influência da Exortação apostólica *Evangelii nuntiandi*, publicada em 1975, para a redação do documento

de Aparecida e da própria *Evangelii gaudium*.

Conhecedor de um continente que ele mesmo visitou cinco vezes desde a sua eleição, no conclave de 2013, encontrando-se ao longo destes anos com cerca de vinte dos seus governantes, o Papa admoesta claramente contra a falta de projetos naquela grande pátria, da qual recorda alguns precursores, como José de San Martín e José Gervásio Artigas.

O Papa condenou o uso de armas nucleares

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 3

presso o meu grato apreço.

Exatamente neste ano de 2017 se celebra o cinquentenário da Carta Encíclica *Populorum progressio* de Paulo VI. Ela, desenvolvendo a visão cristã da pessoa, realçou a noção de desenvolvimento humano integral e propôs-la como novo nome da paz. Neste memorável e atualíssimo Documento o Papa ofereceu a fórmula sintética e feliz segundo a qual «o desenvolvimento não se reduz a um simples crescimento económico. Para ser autêntico, deve ser integral, quer dizer, promover todos os homens e o homem todo» (n. 14).

Por conseguinte, é preciso antes de tudo rejeitar a cultura do descartar e cuidar das pessoas e dos povos que sofrem as desigualdades mais dolorosas, através de uma obra que saiba privilegiar com paciência os processos solidários em relação ao egoísmo dos interesses contingen-

tes. Trata-se ao mesmo tempo de integrar as dimensões individual e social através da aplicação do princípio de subsidiariedade, favorecendo a contribuição de todos como indivíduos e como grupos. Por fim, é necessário promover o humano na sua unidade inseparável de alma e corpo, de contemplação e ação.

Eis portanto como um progresso efetivo e inclusivo pode tornar praticável a utopia de um mundo desprovido de instrumentos de ofensa mortíferos, não obstante a crítica de quantos consideram idealistas os processos de desmantelamento dos arsenais. Permanece sempre válido o magistério de João XXIII, que indicou com clareza o objetivo de um desarmamento integral afirmando: «nem a renúncia à competição militar, nem a redução dos armamentos, nem a sua completa eliminação, que seria o principal, de modo nenhum se pode levar a efeito... se não se proceder a um desarmamento integral, que atinja o próprio espírito, isto é, se não trabalharem to-

dos em concórdia e sinceridade, para afastar o medo e a psicoses de uma possível guerra» (Carta enc. *Pacem in terris*, 11 de abril de 1963, 113).

A Igreja não se cansa de oferecer ao mundo esta sabedoria e as obras que ela inspira, ciente de que o desenvolvimento integral é o caminho do bem que a família humana é chamada a percorrer. Encorajo-vos a levar por diante esta ação com paciência e constância, confiantes de que o Senhor nos acompanha. Ele abençoe cada um de vós e o trabalho que realiza ao serviço da justiça e da paz. Obrigado.

¹ Cf. *Mensagem à III Conferência sobre o impacto humanitário das armas nucleares*, 7 de dezembro de 2014.

² Cf. *Mensagem à Conferência da ONU finalizada a negociar um instrumento juridicamente vinculante para proibir as armas nucleares*, 27 de março de 2017.

Publicada a biografia de Francisca Cabrini escrita por Lucretia Scaraffia

Caridade e espírito profético

Prefácio do Papa Francisco

Faleceu há cem anos, no hospital para os migrantes que construiu em Chicago, Francisca Cabrini. Estava de viagem, como sempre, para visitar as obras de assistência aos migrantes que tinha fundado nos longos anos do seu apostolado, e para construir outras onde havia necessidade. Sem nunca parar num lugar, sem nunca voltar definitivamente para a Itália, mas sempre pronta e solícita para resolver problemas, ajudar os mais necessitados e sozinhos.

Fazia isso com imensa caridade, transmitindo-lhes o amor de Deus, mas também com muita inteligência. Quando Leão XIII lhe disse para renunciar ao seu sonho missionário para se ocupar dos emigrantes italianos na América, Francisca obedeceu e diante dela escancarou-se um mundo:

centenas de milhares de seres humanos que procuravam trabalho e pão longe da própria terra, correndo riscos com longas viagens muitas vezes perigosas, em regiões desconhecidas e hostis. Compreendeu que não se tratava de um fenómeno temporário, mas do emergir de uma nova época histórica na qual a facilidade dos modernos meios de transporte permitia ingentes deslocações em massa de população, remodelando assim inteiras partes do globo. Francisca compreendeu que a modernidade se teria distinguido por estas imanes migrações e por seres humanos desenraizados, em crise de identidade, muitas vezes desesperados e privados de recursos para fazer face à sociedade na qual tinham que se inserir.

A construção de obras de acolhimento e de assistência grandes, bonitas e duradouras foi a sua resposta ao novo numo da história: de facto, as suas irmãs de hábito continuaram a obra mesmo quando outros rostos, outras cores e outros povos se sucederam nos seus institutos. Francisca Cabrini compreendeu que não era suficiente ajudá-los materialmente, ensinar-lhes a língua do país ao qual chegavam, curá-los se adoeciam: o respeito de si, a identidade profunda estava ligada à sua raiz religiosa, aos seus laços com Deus. E ela mesma e as suas irmãs puseram-se em viagem para restabelecer este vínculo nos homens que desciam às minas, nos presos, nos jovens abandonados que viviam na ilegalidade das periferias urbanas.



«Santa Francisca Cabrini»
(St. Mary Magdalene Church,
Owensboro Estados Unidos da América)

Inserir-se no novo país significava aceitação das regras e das leis, e dignidade: eram estes os objetivos que pretendia que todos os migrantes alcançassem. Objetivos que ainda hoje são válidos, e que passam pelo reconhecimento e o respeito da raiz religiosa própria e alheia.

Um projeto concreto e ao mesmo tempo de vasto alcance, que se amplia a todo o mundo –

«o mundo é muito pequeno» era a sua frase – mas também se abre ao tempo futuro.

Tudo isto faz compreender por que precisamente uma mulher se tornou padroeira dos migrantes, uma mulher que soube realizar as qualidades femininas – calor, acolhimento, pragmatismo ao captar as necessidades dos outros, solicitude gratuita para com os débeis – em paralelo com uma visão de conjunto das mudanças que estavam a desestabilizar o mundo. Uma mulher que soube unir uma grande caridade com um espírito profético que lhe fez compreender a modernidade nos seus aspectos menos positivos, aqueles que diziam respeito ao miserável da terra e que intelectuais e políticos não queriam ver.

Precisamente por isto, Francisca Cabrini é hoje muito atual e ainda nos ensina o caminho a percorrer para fazer face ao fenómeno epocal das migrações conjugando caridade e justiça.

LILIANA CAVANI

Ainda é difícil ter confiança nas mulheres em setores que não são as habituais funções femininas. Eu mesma não teria acreditado, quando iniciei o meu trabalho, que teria tido um número de colegas tão exiguo. Pensei nisto ao ler o livro de Lucretia Scaraffia sobre Francisca Cabrini, que revela uma mulher extraordinária, uma verdadeira líder engajada no «social» (como se diz hoje) entre os séculos XIX e XX, sobre um problema que é de urgente atualidade: a emigração. Toda a história humana está marcada por migrações de povos e um destes eventos diz respeito a doze milhões de italianos que emigraram para a América nos anos 1880-1910. Viagens arriscadas, também naquela época por vezes eram usados navios velhos e aconteciam naufrágios de centenas de emigrantes.

Há tempos vi uma exposição em Roma sobre a emigração. Documentava com notícias e cifras este grande êxodo que esquecemos porque se estuda pouco e mal a história, e também eu, ignorante, fiquei muito surpreendida.

Meus Deus, exclamei, conheço muitas coisas sobre a emigração dos Gregos para o sul da Itália nos séculos cinco e quatro antes de Cristo!

Nos anos de Francisca Cabrini, a Itália é um país jovem e frágil na sua recente «unidade» conquistada, um país ainda de facto desunido, com uma situação agrária que permanece no nível medieval e uma verdadeira industrialização distante do horizonte. O analfabetismo é quase total e muitíssimos nem sequer falam italiano, mas dialetos regionais.

Francisca Cabrini é uma jovem professora de Sant'Angelo Lodigiano que se faz religiosa e deseja estar quanto antes presente onde sente que há urgência. Descobri-a graças ao livro de Lucretia Scaraffia, livro intenso, comovedor sobre uma grande «aventuriera» moderna. Há pessoas (raríssimas) que distinguem mais do que o espírito do seu tempo e Cabrini pertence à categoria dos «sábios nativos», aqueles que sentem as ondas do tempo no qual



Crianças do orfanato da Madre Cabrini em Nova Orleães (início do século XX)

vivem e se inserem nelas porque, com naturalidade, sabem que são «esperados».

Os italianos, que emigram tão numerosos para o novo mundo, tentam a sorte porque têm um só bem para gastar: a própria vida. Também Francisca Cabrini tem para gastar uma só vida e aposta-a neles como num jogo de azar eterno mas humano. Francisca Cabrini cresceu numa família numerosa. Fez-se religiosa: sonhava ser missionária na China desde a adolescência. Por conseguinte, era uma jovem que tinha em si uma ideia aventurosa da vida, mas quando se é jovem pode-se sonhar uma aventura qualquer, mas nem todos depois se afastam muito dos trilhos. Certamente não imaginava o que a esperava, mesmo mantendo-se firme na sua ideia. Misticamente, é «chamada».

Realiza o seu sonho de ir para o outro lado do mundo, não para a China mas para a América. Ao longo da sua vida atravessa o Oceano, juntamente com os imigrantes italianos que iam para a América, vinte e oito vezes. Está com eles e compreende a fundo as dificuldades que os aguardam. Dá-se conta de que servem com urgência escolas, hospitais, pontos de referência.

Cabrini demonstra depressa que tem o espírito de aventura de uma empresária incomum. Resolve problemas encremados, enfrentando incompreensões, preconceitos (sobre ela, sobre os italianos, sobre os católicos, etc.). É tudo terrivelmente complicado. Tinha que despertar um clero local apegado a velhos esquemas e a meandros estratégicos decadentes, inteligências preguiçosas, o ódio racial contra os italianos por parte dos ir-

landeses (mesmo sendo católicos), a intolerância dos protestantes já «donos» do território. Aquela época na América deve ser comparada com uma espécie de selva humana, onde os direitos ainda devem ser esclarecidos e definidos. A jovem Cabrini, que aprende depressa a língua, tem que demonstrar habilidade, paciência e coragem, muita coragem, quase até à impudência, porque o seu eu é um eu impudente. Ela quer escolas, creches, hospitais e respeito pelos compatriotas. Quantas coisas quer? Quem pensa que? Uma mulher de província simples, ela sabe isso. Mas não está sozinha, sabe que é intermediação entre o Criador e as criaturas. Consegue fazer-se entender, interperar os poderosos, como benfeitores, cardeais, inclusive Leão XIII, que justamente sabem apreciar o seu projeto, o seu compromisso, o seu «dom».

O texto narra uma rede de relações nem sempre de fácil gestão, mas Francisca, como uma mãe, não recia pedir compromissos concretos e compaixão pelos seus filhos. Estamos habituados a apreciar e a indicar com frequência mulheres corajosas pelo seu uso de talento na arte, na ciência. Mas existem também mulheres, como Cabrini, que trabalham pelos outros até ao esgotamento das forças devido à cansaça e aos problemas a enfrentar, e que com frequência são ignoradas. A Igreja está constelada precisamente de mulheres que fizeram grandes sacrifícios para guiar, muitas vezes sem clamor, a grande visão da «fraternidade» em Cristo.

Francisca Cabrini compreendeu (e isto é um dom) qual era o seu lugar no enredo do Universo, para cuja finalidade nascera, e compreendeu que tal finalidade merecia cada suspiro da sua vida. Era a mesma, sempre a mesma, a que queria ser quando era criança e sonhava tornar-se missionária na China. Este compreender-se a si mesma e conseguir realizar-se é um dom sobre o qual Francisca Cabrini nos leva a meditar profundamente. O texto de Scaraffia conduz-nos nesta viagem interior para a qual – repetiu – precisou de vinte e oito travessias do oceano Atlântico, de coragem para enfrentar o desconhecido,

de energia para lutar, de paciência para suportar, de audácia para enfrentar projetos e perigos, de capacidade para convencer e organizar. Uma grande empresária para os irmãos sem recursos como são os emigrantes pobres. Encontrou e ajudou os seus concidadãos onde quer que se encontrassem, até os condenados à morte com os quais conseguiu partilhar um momento de luz de raia *Fraternitas*.

As religiosas da madre Cabrini visitavam não só guetos, mas também minas, prisões, hospitais, todas as partes onde se «encontravam italianos pobres» em péssimas condições. Moviam-se no território com mais engajamento que uma embaixada. Conseguiram também obter a revisão de processos com êxito favorável para os condenados, penalizados pela ignorância da língua inglesa. O preconceito contra os imigrantes italianos era enorme, sobretudo por causa do analfabetismo que os obrigava a trabalhos muito humildes ou ao desemprego.

Eram urgentes muitas escolas, mas nem sempre as autoridades e o próprio clero local estavam dispostos a compreender, a agir. Eis as palavras que a madre Cabrini dirigiu ao Comissário para a emigração: «Para mim, servir o meu país significa fazer com que o amem as crianças confiadas aos nossos cuidados, educá-las a não se envergoñarem de serem italianas e favorecer o desenvolvimento dos jovens que demonstrem que

a imigração italiana não é um elemento de perigo, mas um fator desceja na civilização e no progresso deste país...».

Não penso que a madre Cabrini e as suas irmãs de hábito tenham tido tempo para refletir acerca do facto que, sendo mulheres, eram por *status* desfavorecidas nos empreendimentos difíceis. Ou, se o pensaram nalguma ocasião, certamente para elas isto nunca foi um impedimento. No contacto verdadeiro com as criaturas do mundo a madre Cabrini e as suas «irmãs» indicam um caminho particularmente moderno da interpretação do Evangelho. Colaboraram para mostrar o caminho dos tempos novos, aqueles nos quais teria sido tirado até o pó do tempo de Francisco de Assis. Cabrini aplicou a *Fraternitas* porque se sentiu comovida pelas mesmas palavras que comoveram Francisca, depois cada um respondeu com a própria originalidade e confrontando-se com a realidade do seu tempo. O século XIII não é o século XX.

Contudo uma coisa não muda, e é a total honestidade, custe o que custar, ao responder à iluminação recebida. Penso que por vezes o amor da madre Cabrini tenha sido também entendido como «populismo». Mas a política é chamada a dirigir uma razoável partilha dos recursos. Parece que na modernidade (na qual a madre Cabrini entrou com ambos os pés) entrevermos não o perigo social que alguns temiam,

Uma temerária moderna



Imigrantes italianos desembarcaram nos Estados Unidos

e certamente não com um «aparato burocrático». Confiava e obtinha confiança mas... sim, tinha um chefe, um irmão. O mesmo irmão mais velho de São Francisco.

Scaraffia narra com grande inteligência e entusiasmo a aventura de Francisca Cabrini e torna-se natural estar do seu lado, estar com ela com todos os sentimentos. Podia ter sido uma boa freirinha de um convento de província com escola anexa e já teria feito boas ações. Ao contrário ela vai para as Américas (Norte e Sul) para «levar ajuda», quase a escavar com a pá o caminho de uma *Fraternitas* social que era urgente. Era esperada e ela sabia e tinha até pressa. Era de saúde frágil, mas o «Tempo» era amigo do seu destino. Cabrini não era apenas uma política no sentido magnífico e literal do seu significado, mas fazia-se guiar pelo Mestre de Paz e Caridade. Impressiona enumerar todas as obras sociais que realizou. Criou aquilo a que hoje se chamaria um «império social, escolar, assistencial, industrial, etc.» com o seu engajamento e o das mulheres que a seguiam

Entre terra e céu

Desde 9 de novembro está à venda nas livrarias italianas *Tra terra e cielo*.

Vita di Francesca Cabrini [Entre terra e céu. Vida de Francisca Cabrini] (Venezia, Marsilio, 2017, 208 páginas, 16 euros) de Lucretia Scaraffia. O livro retoma e amplia a biografia, publicada em 2003 pelas Paulinas, da lombardia nascida a 15 de julho de 1850 e falecida como cidadã norte-americana em Chicago há um século, a 22 de dezembro de 1917. Beatificada em 1938 e canonizada em 1946, por Pio XII foi proclamada padroeira dos emigrantes em 1950. Da nova vida da madre Cabrini antecipamos o prefácio do Papa Francisco e posfácio de Liliana Cavani.

Missas matutinas em Santa Marta



Quinta-feira
9 de novembro

Diversidade na harmonia

Pequeno lembrete sobre a Igreja: o fundamento é Cristo, o Espírito Santo não deve ser alguém desconhecido e as comunidades não se devem reduzir a um mercado de mundanidade, no meio de dinheiro e vaidade. Tratou-se de um apelo a «edificar, guardar e purificar a Igreja» feito pelo Papa Francisco na missa deste dia.

«Hoje recordamos a dedicação, isto é, a consagração da catedral desta diocese», disse o Papa evocando a festa de aniversário da dedicação da basílica Lateranense. «Todos nós — explicou — somos diocesanos romanos, a nossa igreja catedral hoje festeja a sua consagração e por ser a a catedral de Roma, a sede primacial, é chamada “mãe de todas as igrejas”: assim chamamos a nossa catedral».

«Isto para nós não deve ser motivo de orgulho mas de serviço e de amor» afirmou Francisco. «A nossa catedral — reafirmou — é mãe de todas as igrejas e pensando na igreja de Roma, no dia da sua catedral, e nas outras igrejas do mundo e refletindo sobre as leituras de hoje, penso que podemos comentar três expressões: edificar, guardar e purificar a Igreja».

«Edificar a Igreja», antes de tudo, «Paulo é claro nestes poucos versículos da primeira carta aos Coríntios» proposta pela liturgia (3, 9-11.16-17): «Segundo a graça que Deus me deu, como sábio arquiteto lancei o fundamento, mas outro edifica sobre ele». Portanto, «construir a Igreja, edificar a Igreja» insistiu o Pontífice, reafirmando que «Jesus Cristo é o fundamento da Igreja, não há outro». Talvez alguém possa dizer: «conheço uma senhora que é vidente e Nossa Senhora apareceu-lhe e disse-lhe o seguinte»: pois bem, que os videntes falem sobre os seus assuntos, mas o fundamento é Jesus Cristo, ele é a pedra angular neste edifício».

«Sem Jesus Cristo não existe Igreja, porque não existe fundamento» reafirmou o Papa. E «se se construir uma igreja — pensemos numa igreja material — sem fundamento, o que acontece? Desaba tudo». Do mesmo modo «se não houver Jesus Cristo vivo na Igreja, ela desaba e por isso Paulo diz: “Cada um fique atento ao modo como constrói. Ninguém pode pôr um fundamento diferente daquele que já existe, que é Jesus Cristo».

«Não se muda o fundamento» afirmou Francisco, acrescentando: «E nós somos pedras vivas — diz o apóstolo Pedro na sua carta — que fazem crescer este edifício: estamos a pensar em termos de edifício, mas esta comunidade cresce com a própria vida». E «numa construção, quando se edifica uma casa, um templo, procura-se fazer de modo que as pedras estejam bem colocadas umas sobre as outras, que estejam alinhadas: não iguais, porque de acordo com a medida, algumas de-

vem ser menores, maiores, mais largas...». Portanto «cada pedra é diferente cada um de nós é diferente; e esta é a riqueza da Igreja». A ponto que «cada um de nós constrói segundo o dom que Deus concedeu. Não podemos pensar numa Igreja uniforme: isto não é Igreja».

«Nos últimos dias — prosseguiu Francisco — Paulo falava-nos dos carismas, no capítulo XI, XII e XIII da carta aos Coríntios». Ele diz que «cada um de nós tem um carisma, um modo de ser: quem tem o carisma de ensinar, ensine; quem tem o carisma de santificar, santifique; quem tem outro, faça isso». Porque, explicou o Papa «é como no corpo: a mão precisa do nariz e dos olhos para ver como pegar num objeto; completam-se». E «cada um de nós contribui para esta complementação. Por isso, a Igreja não pode ser uniforme; deve ser diversa mas unida nesta harmonia sobre o fundamento de Jesus Cristo».

Precisamente «isto — observou Francisco — está também na base da sinodalidade: a Igreja deve ser sinodal porque cada um de nós tem os próprios carismas ao serviço da unidade da Igreja». Por esta razão, prosseguiu, não devemos «assustar-nos com as diferenças: aliás, assustar-nos quando alguém deseja tornar tudo igual: não, isto não é bom, não é Igreja».

«Não temos uma t-shirt como a equipe de futebol» insistiu o Pontífice; mas «temos o espírito e o carisma diverso, na unidade». Portanto, acrescentou, «assim se constrói a Igreja, edifica-se a Igreja: sobre a pedra angular que é Jesus Cristo — e não se pode mudar — e com a diversidade harmoniosa, com a harmonia». E «a harmonia — explicou — é a nossa caridade: se armarmos, haverá harmonia; se lutarmos uns contra os outros, mexericarmos, não haverá harmonia e o edifício desabarás».

E se a «primeira palavra é edificar a Igreja, a segunda é conservar a Igreja» disse o Papa. Mas «conservá-la para que corra bem» não significa certamente dar «todos os anos» uma mão de tinta para «a pintar». Ao contrário, «conservá-la significa



François Louis Bonnet
«Bênção de Pio IX da varanda da basílica de São João de Latrão em 1846»

outra coisa, é conservar a vida verdadeira da Igreja». Paulo apresenta-a assim: «Não sabeis que sois templo de Deus e que o Espírito de Deus vive em vós?». Por conseguinte, afirmou Francisco, trata-se de «conservar o Espírito que habita em nós, na Igreja e em cada um de nós: o Espírito Santo». Eis que «quando Paulo chegou a uma das primeiras comunidades cristãs com tanta humildade perguntou: “Recebestes o Espírito Santo?” — “Quem é?”», perguntaram-lhe, porque «nem sequer sabiam que existia um Espírito Santo».

Uma questão que não diz respeito só àquela primeira comunidade cristã. «Quantos cristãos — comentou o Papa — hoje sabem quem é Jesus Cristo, quem é o Pai, porque rezam o Pai-Nosso; mas quando falas do Espírito Santo» respondem: «Sim, ah, é a pomba» e acaba assim».

E no entanto, explicou o Pontífice, «o Espírito Santo é a vida da Igreja, é a tua vida, a minha vida». «Nós somos templo do Espírito Santo e devemos conservar o Espírito Santo, a tal ponto que Paulo recomenda aos cristãos que “não entristeçam o Espírito Santo”, isto é, não tenham um comportamento contrário à harmonia que o Espírito Santo concede dentro de nós e na Igreja».

Por isso o Espírito Santo, recordou Francisco, «é a harmonia, ele realiza a harmonia deste edifício». Mas «o fundamento não é o Espírito Santo: o fundamento é Cristo». Ao contrário, «a harmonia é concedida pelo Espírito Santo». Enquanto «a glória é para o Pai».

Portanto, é preciso «conservar a Igreja — repetiu o Papa — porque o Espírito Santo está dentro dela; saber que é ele que nos inspira: “Façamos isto, façamos aquilo”. De facto, «quando nos veem essas boas ideias: “veio isto, falo com o outro, façamos...” é o Espírito que move». Eis por que é importante «conservar o Espírito e não entristecê-lo».

Depois de «edificar a Igreja e de conservar a Igreja», a terceira palavra sugerida pelo Pontífice é «purificar a Igreja». Precisamente «a leitura do Evangelho — afirmou Francisco, referindo-se ao trecho de João (2, 13-22) — indica-nos o que significa purificar a Igreja: o Senhor, quando viu o que acontecia na entrada do templo, não falou: fez um chicote de cordas e expulsou todos do templo».

«Somos todos pecadores, todos» afirmou o Papa, acrescentando: «Se algum de vós não é, levante a mão, porque seria uma boa curiosidade: todos o somos e por isso devemos purificar-nos continuamente, e purificar também a comunidade: a comunidade diocesana, a comunidade cristã, a comunidade universal da Igreja para a fazer crescer».

O Evangelho narra que Jesus diz: «tirai isto daqui». Mas «isto» era o quê? Os touros para o sacrifício, as pombas, o dinheiro dos trocadores de moedas. A intimidação do Senhor é «Tirai isto daqui e não façais da casa de meu Pai uma casa de negociantes». É «a feira da mundanidade, do dinheiro, da vaidade: muitas feiras que se instalam na Igreja através dos nossos pecados».

Eis por que é preciso «purificá-la sempre». Alguns, confidenciou o Papa, chegam a dizer: «Gostaria de pegar num chicote quando vejo secretarias paroquiais com a lista de preços para um batismo» e assim por diante. «Mas esta não é a Igreja, é um mercado» disse o Pontífice. «Isto é um exemplo», acrescentou, «é o mercado da vaidade, o mercado que eu entre nesta associação para fazer carreira». Ao contrário, é preciso «purificar, mas não olhando para os pecados alheios: mas para o meu pecado. E o meu pecado faz da Igreja um mercado».

Concluindo, o Papa pediu para não esquecer «estas três palavras das leituras de hoje: edificar a Igreja sobre o fundamento de Jesus Cristo; guardar a Igreja, isto é, conservar o Espírito Santo; e purificar a Igreja, em nós e também nas instituições que frequentamos». Convidou a rezar «pela Igreja, porque é a nossa mãe: somos filhos da Igreja», a ponto que «Santo Inácio gostava de dizer: “a nossa santa mãe Igreja hierárquica”».



Sexta-feira
10 de novembro

O grupo dos corruptos

Numa sociedade contaminada pelo «smog da corrupção», o cristão tem que ser «astuto» e «perspicaz»: com efeito «não se pode permitir de ser ingénuo» porque guarda um «tesouro que é o Espírito Santo». A reflexão da missa deste dia, abordou uma das feridas abertas do homem contemporâneo. E, ao dirigir-se à consciência de cada pessoa, interpeleu de maneira particular quantos na sociedade desempenham responsabilidades coletivas de governo e de administração.

Ponto de partida da homilia foi o trecho evangélico do dia, no qual Lucas (16, 1-8) passa «das três parábolas da misericórdia» para um assunto «totalmente diverso» através da parábola do administrador desonesto. Enquanto as precedentes descreviam «a história de Deus, a história de amor, a história da misericórdia», temos aqui «uma história de corrupção».

O Pontífice resumiu a vicissitude na qual se fala de um homem rico que «ao ouvir como era administrada a sua empresa» se apercebe que há «algo de suspeito em relação ao administrador». Uma personagem desonesta que, evidentemente, «alongava a mão» e, dado que se sabia mover bem nas fraudes, «continuou por muito tempo, até ao momento em que o homem rico se dá conta». E como reagiu o administrador? É a mesma narração evangélica, citada pelo Papa, que revela os seus pensamentos: «Mas agora com este hábito que tenho de ganhar facilmente, devo começar a trabalhar? Ganhar o pão com o suor? Levantar todos os dias às seis da manhã? Não, nem pensar».

Desta consciência, explicou o Pontífice, nasce a escamoteação do administrador que começa a fazer



Gorana Težak
«O bom, o mau, o mal»

«grupo com outros corruptos». E mesmo se «alguns deles não eram corruptos», igualmente «lhes agradeu a proposta e entraram na corrupção». Francisco comentou: «Estes são poderosos! Quando se agrupam na corrupção são poderosos; chegam até a ter atitudes mafiosas». E Francisco comentou que o que acontece nesta parábola «não é uma fábula», não é «uma história que devemos procurar nos livros de história antiga: lemo-la todos os dias nos jornais, todos os dias». Com efeito, acrescentou, «isto acontece também hoje, sobretudo com aqueles que têm a responsabilidade de administrar os bens do povo». De resto «com os próprios bens ninguém é corrupto, defende-os».

A conclusão do excerto evangélico abriu o caminho para as considerações do Pontífice. Antes de mais lê-se «que o dono elogiou aquele administrador desonesto porque agiu com astúcia». Com efeito, explicou o Papa, os corruptos em geral «são astutos», sabem levar bem por diante o seu comportamento desonesto: «Até com gentileza, com luvas de seda, e fazem-no bem». E, sobretudo, na narração há o remate final: «os filhos deste mundo são mais prudentes na sua geração do que os filhos da luz». Eis então a «consequência que Jesus tira desta história, que é uma história diária. A astúcia que estes têm».

Partindo disto Francisco iniciou a aprofundar a sua reflexão perguntando-se: «Mas se eles são mais astutos que os cristãos, mas não quero dizer cristãos, porque há muitos corruptos que se confessam cristãos, se estes são mais astutos dos que são fiéis a Jesus, eu pergunto: mas existe uma astúcia cristã?».

Por conseguinte, a parábola ofereceu ao Pontífice a inspiração para considerar a vida concreta do cristão, que diariamente deve confrontar-se com a chaga da corrupção. Francisco partiu de uma questão: «Existe uma atitude para aqueles que querem seguir Jesus?» de maneira que «não acabem mal, que não sejam “comidos vivos” como dizia a minha mãe: “Comidos crus” – pelos outros»? Em síntese, qual é «a astúcia cristã», uma astúcia «que não seja pecado, mas que me ajude a ir em frente no serviço do Senhor e também na ajuda aos outros?». Existe «uma astúcia cristã?»

A resposta, disse o Papa, vem diretamente do Evangelho, no qual se encontram «algumas palavras, alguns ditados que nos ajudam a compreender se existe – eu diria – a perspicácia cristã para ir em frente

sem cair nos grupos da corrupção». Com efeito, Jesus, para esta finalidade utiliza «contraposições», como aquela entre «cordeiros» e «lobos» («Eu envio-vos como cordeiros entre os lobos») com a qual se compreende que «o cristão é um cordeiro que deve desenrascar-se entre os lobos». E por isso, através de «outro paradoxo», é-lhe dado um conselho: «Sede, portanto, prudentes como as serpentes e simples como as pombas».

Mas, continuou Francisco, «como se faz para ter esta atitude de prudência como as serpentes e de simplicidade como as pombas?». De novo a sugestão vem de Jesus, que «repete muitas vezes no Evangelho: “Estai atentos, estai atentos. Olhai, olhai para os sinais do tempo: quando a figueira começar a florescer é porque está a chegar a primavera; quando a amendoeira floresce está a chegar a primavera». Ou seja, é preciso estar «atentos ao que acontece», ver bem, ter «os olhos abertos».

É precisamente esta, explicou o Pontífice, a primeira atitude que nos leva à «astúcia cristã»: a atenção ao que acontece. Isto é, cultivar aquele «sentido da desconfiança sadia», que nos leva, por exemplo, a dizer: «Não confio neste, fala demais, promete muito...». Como acontece quando alguém propõe: «Investe no meu banco, eu pago-te o duplo dos juros que te dariam os outros» – «Oh, que maravilha!». E ao contrário, o astuto compreende que «isto não é normal». Portanto, o cristão «está atento, olha para os sinais dos tempos».

Há depois outra sugestão: «refletir». É preciso, sugeriu Francisco, «não se apressar a aceitar determinadas propostas, porque o diabo comporta-se sempre assim conosco; vem com uma falsa humildade». Aconteceu o mesmo com Eva: «Olha esta maçã, é boa, não é!» – «Não, eu não a posso comer» – «Repara, se a comeres tornar-te-ás...». Uma história que todos conhecem e que fala da «sedução» do diabo. Por conseguinte, é preciso «estar atentos e refletir», tendo em consideração que «o diabo sabe por qual porta entrar no nosso coração, pois conhece as nossas debilidades. Cada um tem a sua. E bate aquela porta, entra por aquela porta».

Por fim, um terceiro elemento: «rezar». Se tivermos estas três atitudes, afirmou o Papa, «temos a certeza de que chegaremos àquela astúcia cristã que não se deixa enganar, que não compra um pedacinho de vidro pensando que é uma pedra preciosa. E assim seremos, como diz Jesus:

“Prudentes como as serpentes e simples como as pombas”». E «teremos a perspicácia cristã diante das coisas que acontecem».

Em conclusão, como de costume, o Pontífice sugeriu uma intenção de oração ligada à meditação acabada de fazer: «Rezemos hoje ao Senhor para que nos conceda esta graça de ser perspicazes, cristãos astutos, para ter esta esperteza cristã», porque «se há uma coisa que o cristão não se pode permitir é ser ingénua». Com efeito, «como cristãos temos em nós um tesouro: o tesouro que é o Espírito Santo. Devemos guardá-lo. Quem «se deixar roubar o Espírito» é ingénua. E um cristão «não pode permitir-se de ser ingénua».

Pedir ao Senhor «esta graça da perspicácia cristã e da astúcia cristã», concluiu o Papa, constitui também «uma boa ocasião para rezar pelos corruptos». De resto, disse Francisco, «fala-se do smog que polui», mas existe também «um smog de corrupção na sociedade». Por isso, «rezemos pelos corruptos: que estes infelizes encontrem a saída daquela prisão na qual quiseram entrar».



Segunda-feira
13 de novembro

Aqueles que se escandalizam

Nesta missa o Papa Francisco admoestou contra as pequenas e grandes «incoerências de todos os dias», as que se veem inclusive nas igrejas ou são cometidas por cristãos que no mundo do trabalho dão «escândalo».

«Jesus começa este trecho do Evangelho – observou imediatamente referindo-se ao excerto litúrgico do evangelho de Lucas (17, 1-6) – com uma constatação de bom senso: “É inevitável que aconteçam escândalos”. Com efeito, «é inevitável» reafirmou Francisco: «há escândalos e sempre os haverá». Contudo, Jesus faz «uma admoestação que é ao mesmo tempo constatação e advertência»: «Mas, ai daquele por causa do qual os escândalo vêm».

Portanto, o Senhor «admoesta de maneira vigorosa» e vai «além», acrescentando: «Melhor seria que se lhe atasse em volta do pescoço uma pedra de moinho e que fosse lançado ao mar, do que levar para o mal a um só destes pequeninos».

Mas não termina aqui, observou o Pontífice. De facto, o Senhor «dirigindo-se aos seus diz: “Tomai cuidado de vós mesmos!”; ou seja, estai atentos para não escandalizar». Com efeito, explicou o Papa, «o escândalo é algo negativo, porque fere a vulnerabilidade do povo de Deus, fere a debilidade do povo de Deus, e muitas vezes estas feridas se arrastam por toda a vida». Mais ainda: o escândalo, explicou o Papa, «não só fere», mas «é capaz de matar: matar esperanças, ilusões, famílias, tantos corações».

O escândalo é «um tema sobre o qual Jesus voltava a falar frequentemente», especificou o Pontífice. Por exemplo, «depois de uma pregação disse: “Bem-aventurado é aquele que não se escandalizar de mim”». Porque «ele tinha cuidado para não escandalizar». E, ainda, «quando chegou o momento de pagar os impostos, para não “escandalizar” diz a Pedro: “Vai ao mar, lança o anzol, e ao primeiro peixe que pescares abri-lhe-ás a boca e encontrarás uma moeda. Com ela pagarás por mim e por ti”». Sempre «para não escandalizar», Jesus adverte também: «Se a tua mão é motivo de escândalo, corta-a». E também, de novo, «a Pedro, quando estava diante da cruz, do projeto da cruz, tenta convencê-lo a fim de que escolha outro caminho, sem rodeios diz: “Afasta-te de mim, és de impedimento, és motivo de escândalo».

«Jesus é muito claro nisto» explicou Francisco. E «a nós, a todos» dá «esta advertência»: “Tomai cuidado de vós mesmos!”. Porque «há o escândalo do povo de Deus, dos cristãos, quando um cristão, afirmando ser cristão, vive como um pagão». Aliás, afirmou o Papa, «quantas vezes nas nossas paróquias ouvimos algumas pessoas dizer: “Não, eu não vou à Igreja porque aquele ou aquela, que está todos os dias a beijar as velas ali dentro, sai e fala mal dos outros, semeia o joio...”».

E «quantos cristãos – constatou o Pontífice – afastam as pessoas com o seu exemplo, com a sua incoerência: a incoerência dos cristãos é uma das armas mais fáceis que o demónio possui para enfraquecer o povo de Deus e para o afastar do Senhor». Em síntese, é o estilo de «dizer uma coisa e fazer outra». Precisamente «o que Jesus dizia ao povo sobre os doutores da lei: “Fazei o que vos disseram, mas não façais o que eles fazem”». Eis «a incoerência».

A este propósito, o Papa sugeriu para «nos perguntarmos hoje, cada um de nós: como é a minha coerência de vida?». Na minha vida há «coerência com o Evangelho, coerência com o Senhor?». Portanto, devemos questionar-nos «se devido à nossa incoerência somos motivo de escândalo para os outros».

E incoerente, explicou o Pontífice, é também o cristão que diz: «Eu vou todos os domingos à missa, sou da ação católica, sou desta associação ou de outra, mas pago de forma ilegal aos meus empregados ou estipulo um contrato de setembro a ju-

Beatificados em Madrid sessenta mártires da guerra civil

Assassinados por serem cristãos

«Assassinados por serem cristãos»: eis o perfil dos sessenta mártires – a maior parte vicentinos – da guerra civil espanhola beatificados no dia 11 de novembro em Madrid. Presidiu ao rito, em representação do Papa, o cardeal Angelo Amato, prefeito da Congregação para as causas dos santos.

«Celebrar os mártires é celebrar o mistério do amor absoluto de Deus – afirmou o purpurado na homilia – mas é também aproximarmo-nos do mistério do mal absoluto provocado pelo inimigo de Deus». De facto, os mártires «inseriram-nos no horizonte luminoso da humanidade autêntica: ao contrário, os seus assassinos inserem-nos nas trevas do coração humano». E assim «os primeiros edificam-nos, os segundos obrigam-nos a repudiar as suas ações malvadas».

«Com frequência na Espanha têm lugar as beatificações dos mártires da funesta perseguição religiosa dos anos 1936-1939» observou o cardeal, acrescentando que «a Igreja celebra de bom grado estes eventos por uma dupla finalidade: convidar os fiéis a permanecer firmes na fé e exortar todos a evitar o terror daqueles anos obscuros, que cobriram a vossa bela pátria com o sangue de pessoas inocentes e inermes». Portanto, a beatificação dos mártires «é para nós uma ocasião para magnificar a força do bem que vence o mal: o bem é



São Vicente de Paulo

como um íman que orienta o ser humano para a verdade, a liberdade e a fraternidade».

«Os mártires que o Papa Francisco hoje eleva às honras dos altares – explicou – são sessenta, subdivididos em dois grupos, incluindo sacerdotes, religiosos, religiosas e leigos

engajados no associacionismo católico». Em particular, «o primeiro grupo, de vinte e um mártires, é formado por sete sacerdotes da congregação da missão, cinco sacerdotes diocesanos, duas filhas da caridade e sete leigos pertencentes à associação dos filhos de Maria da medalha milagrosa». Todos, prosseguiu, «foram assassinados entre 1936 e 1937 nas dioceses de Barcelona, Girona, Valência e Cartagena».

«Da documentação e testemunhos – afirmou o cardeal – resulta que o único motivo do seu assassinato foi o facto de serem católicos. Naqueles anos, perdida a ideia de fraternidade e de respeito das ideias e das vidas alheias, em muitas regiões espanholas reinavam o abuso e o arbítrio mais absoluto, com o único objetivo de aniquilar a Igreja católica. Incendiaram lugares de culto, eliminaram conventos, ocuparam escolas, aprisionaram e assassinaram pessoas. Esta onda de vandalismo cego e ignorante destruiu coisas e monumentos do passado, precioso património artístico da Espanha. Não se teve respeito algum pela liberdade e pela dignidade das pessoas». Tratou-se de uma verdadeira «tempestade que flagelou violentamente a nação, cobrindo-a de pó, fumaça, sangue e cadáveres. Foi uma exaltação macabra do ódio e do mal».

«A esta perseguição cega e desumana – disse o purpurado – os mártires responderam com a sua vida cristã e religiosa, vivida com entusiasmo e generosidade». O padre Vicente Queralt, por exemplo, «era um sacerdote culto, ótimo orador e benfeitor generoso: distribuía aos necessitados o que recebia da sua família. Era um homem de talento: sabia pintar e tocar órgão. Durante a perseguição, denunciado por uma conhecida, foi preso a 30 de novembro de 1936 e fuzilado no mesmo dia. A quem perguntava o motivo do seu assassinato, o chefe das patrulhas marxistas respondia que era

um sacerdote: “não te é suficiente como motivo?”».

«Neste primeiro grupo – observou o cardeal – há também um jovem valenciano de dezanove anos, Rafael Lluch Garín, de família abastada e profundamente católico. De constituição atlética e bom ciclista, prestava serviço na farmácia do seu cunhado na aldeia de Picassent, na província de Valência. Um dia chegou à aldeia um grupo de milicianos que perquiriu as casas, queimaram documentos e imagens sagradas. Entraram na farmácia, gritando e blasfemando. Rafael respondeu: “Aqui não se blasfema”. No laboratório o jovem tinha um calendário com a imagem da bem-aventurada Virgem e exortou os milicianos a não profaná-la. Este facto fez enfurecer uma miliciana que, praguejando, induziu os seus companheiros a condená-lo à morte».

«Os trinta e nove mártires do segundo grupo – explicou – foram assassinados no território da arquidiocese de Madrid, durante o segundo semestre de 1936. Os primeiros a serem assassinados foram dois jovens religiosos: Manuel Trachiner Montañana e Vicente Cecilia Gallardo». Enquanto «o religioso vicentino, padre José Ibáñez Mayandía, no domingo 26 de julho, como de costume, foi celebrar a missa no hospital madrilenho dos Convalescentes. Ali foi capturado, ferido, obrigado a desfilhar nu, fuzilado e abandonado. No dia seguinte, quando os milicianos o encontraram pela rua ainda vivo, completaram a sua obra diabólica, torturando-o até à morte de maneira brutal e ofensiva para a sua condição de sacerdote. Não o liquidaram com um golpe de misericórdia mas escoriaram-no vivo como um animal de corte».

Missa em Santa Marta

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 11

nho” – “E julho e agosto?” – «Desenrasca-te, querido!». São precisamente estas as «incoerências de todos os dias». Mas são motivo de escândalo também «os cristãos empresários que não pagam o justo» e se aproveitam «das pessoas para se enriquecerem».

Certamente, prosseguiu Francisco, «depois podemos questionar-nos sobre o escândalo dos pastores, porque na Igreja estamos também nós, pastores». O profeta Jeremias «fala disto «ai de vós!», referindo-se exatamente aos «pastores que exploram as pessoas, exploram as ovelhas, para se enriquecer procuram o leite e a lã, assim dizia Jeremias, para se vestir e para a vaidade, mas não cuidavam das ovelhas».

Além disso, há inclusive «o escândalo do pastor que começa, por exemplo, a afastar-se das pessoas: o pastor distante». Ao contrário, «Jesus ensina-nos que o pastor deve estar próximo e quando ele se afasta escandaliza: é um “senhor”». Com efeito, «Jesus diz-nos que não podemos servir a dois senhores, Deus e o dinheiro: quando o pastor é apegado ao dinheiro, escandaliza». E «as pessoas escandalizam-se» vendo «o pastor agarrado ao dinheiro», relançou o Pontífice. Por esta razão, «cada pastor deve questionar-se: como é a minha amizade com o dinheiro?».

Além do mais, há o escândalo do «pastor que procura fazer carreira: a vaidade leva-o a ser arrivista, em vez de ser manso, humilde, pois a mansidão e a humildade favorecem a proximidade ao povo». Existe também o escândalo do «pastor que se sente “senhor” e comanda a todos, orgulhoso, e não o pastor servidor do povo de Deus».

Poderíamos continuar a falar sobre estas questões, afirmou Francisco. Como recorda «Jeremias, e também Santo Agostinho recorre a este» pensamento «de Jeremias e pronuncia um longo discurso sobre os pastores». Deste modo, poderíamos ir em frente, disse o Papa, «mas, penso que por hoje isso é suficiente para nos questionarmos, cada um de nós: será que escandalizo como cristão, como cristã, como pastor? Escandalizo? Firo a vulnerabilidade do meu povo? Em vez de atrair o povo, de o tornar um, de o fazer feliz, de dar a paz, a consolação, mando-o embora porque me sinto um pastor “senhor” ou me sinto um cristão mais importante do que tu?». Não se deve esquecer a advertência de Jesus aos discípulos: «Tomai cuidado com vós mesmos!». Eis que, concluiu Francisco, «hoje pode ser um bom dia para fazer um exame de consciência sobre isso: escandalizo ou não, e como?». E «assim podemos responder ao Senhor e aproximar-nos um pouco mais dele».

Ajudas do Papa às famílias do Sudão do Sul

As famílias do Sudão do Sul que sofrem fome serão capazes de ir em frente graças aos kits para a cultura hortofrutícola financiados por uma doação do Papa Francisco. Anunciou no dia 13 de novembro a sala de imprensa da Fao, através de um comunicado no qual é evidenciado que os kits chegam num momento em que se prevê um agravamento da segurança alimentar. São cerca de cinco mil famílias – isto é, mais de trinta mil pessoas – que em Yeí beneficiaram do recente contributo de 25.000 euros oferecido pelo Pontífice à Organização das Nações Unidas para a alimentação e a agricultura. Os kits fornecem sete variedades de verduras de rápido crescimento a fim de incrementar o acesso a géneros alimentícios numa zona onde os meios de sustentação agrícola foram destruídos pelos combates.

Ícone da «Mãe da ternura»

Paz e justiça para a Ucrânia

O Pontífice falou do drama da guerra

«Na vossa querida nação, da qual provindes e para a qual regressareis no final dos estudos, vive-se o drama da guerra, causa de grandes sofrimentos sobretudo nas áreas envolvidas, que se tornaram ainda mais vulneráveis devido ao rigor do inverno que se aproxima», recordou o Papa recebendo na Sala Clementina na manhã de quinta-feira, 9 de novembro, a comunidade do Pontifício colégio ucraniano de São Josafat em Roma.

Queridos irmãos e irmãs, seja louvado Jesus Cristo! [em ucraniano]

Saúdo o Cardeal Sandri, Prefeito da Congregação para as Igrejas Orientais, e Sua Excelência D. Vasil', Secretário, que é ex-aluno do Colégio. Agradeço de coração ao Reitor as suas palavras de introdução.

Este nosso encontro realiza-se 85 anos após a construção da sede do vosso Colégio na Colina do Janículo, por vontade do Papa Pio XI. Ele tornou-se promotor de uma iniciativa que manifesta a especial e concreta solicitude dos Sucessores do Apóstolo Pedro pelos fiéis da Igreja provenientes das áreas de sofrimento ou de perseguição, que deste modo podiam sentir-se aqui em Roma como filhos amados que habitam numa casa e crescem nela, preparando-se para a missão apostólica como diáconos e sacerdotes. Nos anos do seu pontificado, Pio XI teve que enfrentar muitos desafios epocais, mas sempre ergueu a sua voz firme para defender a fé, a liberdade da Igreja e a dignidade transcendente de cada pessoa humana. Condenou com clareza, mediante discursos e cartas, as ideologias ateias e desumanas que ensanguentaram o século XX. Realçou assim a sua tradição indicando à Igreja a estrada mestra do Evangelho, posto em prática também na busca da justiça social, dimensão imprescindível do resgate plenamente humano dos povos e das nações. Co-

mo futuros sacerdotes, convido-vos a estudar a Doutrina social da Igreja, para amadurecer no discernimento e no juízo sobre realidades sociais em que sereis chamados a trabalhar.

Também nos nossos dias o mundo está ferido por guerras e violências. Em particular, na vossa querida Nação ucraniana, da qual provindes e para a qual regressareis no final dos estudos em Roma, vive-se o drama da guerra, causa de grandes sofrimentos sobretudo nas áreas envolvidas, que se tornaram ainda mais vulneráveis devido ao rigor do inverno que se aproxima. E é forte a aspiração à justiça e à paz, que possa rejeitar qualquer forma de prevaricação, corrupção social e política, realidades em que são sempre os pobres os mais penalizados. Deus apoie e encoraje quantos se comprometem para realizar uma sociedade cada vez mais justa e solidária. Que eles sejam ajudados ativamente pelo empenho concreto das Igrejas, dos crentes e de todas as pessoas de boa vontade.

A vós seminaristas e sacerdotes da Igreja greco-católica ucraniana, estes desafios podem talvez parecer fora do vosso alcance; recordemos, porém, as palavras do apóstolo João: «Jovens, escreve-vos, porque vencesdes o Maligno [...] e a palavra de Deus permanece em vós» (1 Jo 2, 13-14). Amando e anunciando a Palavra, tornar-vos-ei verdadeiros pastores das comunidades que vos forem confiadas, e ela será a lâmpada que ilumina o vosso coração e a vossa casa, quer que vos prepareis para o celibato sacerdotal quer para o uxório, segundo a tradição da vossa Igreja. Da colina do Janículo, podeis gozar de uma belíssima paisagem de Roma, e talvez há alguns dias, depois de um temporal, admirastes o espectáculo do arco íris, quando o sol rasgava as nuvens mais densas. Portanto, convido-vos a fazer com que o vosso



coração possa explorar horizontes sempre mais amplos, que tenham a medida do mundo inteiro, onde muitos filhos e filhas da Ucrânia se espalharam ao longo dos séculos. Amai e preservai as vossas tradições, mas evitando qualquer forma de sectarismo. E preservai sempre, na pátria e pelo mundo fora, o sonho da aliança de Deus em relação à humanidade, as pontes que, como o arco de luz acima das nuvens, reconciliam céu e terra, pedindo aos homens aqui em baixo para aprender a amar-se e a respeitar-se, abandonando as armas, as guerras e qualquer tipo de abuso.

Se caminhardes assim e ensinardes aos outros a fazer o mesmo, especialmente no fundamental diálogo ecuménico, tenho certeza que da pátria celeste vos sorrirão e sustentarão todos os Bispos e os sacerdotes — alguns formados no vosso Colégio — que deram a vida ou sofreram perseguições por causa da fidelidade a Cristo e à Sé Apostólica. E sobretudo rejubilará Toda Santa Mãe de Deus, Maria Santíssima, muito venerada no vosso Santuário nacional de Zvarnytsya. Ela quer que os sacerdotes do seu Filho sejam as tochas acesas na noite de vigília junto daquele Santuário, recordando a todos, especialmente aos pobres e sofredores, e inclusive a quantos praticam o mal e semeiam violência e destruição, que «o povo que andava nas trevas viu uma grande luz; sobre aqueles que habitavam uma região tenebrosa resplandeceu uma luz» (Is 9, 1). Também eu conservo e venero um pequeno ícone ucraniano de Nossa Senhora da Ternura, que me foi oferecido pelo vosso Arcebispo-Mor quando estávamos juntos em Buenos Aires. E quando me estabeleci aqui, pedi que mo trouxessem. Rezo-lhe todos os dias. Acompanho-vos com a minha bênção, invocando a paz e a harmonia ecuménica para a Ucrânia. E peço-vos, por favor, não vos esqueçais de rezar por mim. Percorrei um bom caminho!

E não gostaria de terminar sem recordar uma pessoa que me fez bem quando eu estava na última classe da escola primária, no ano de 1949. A maioria de vós ainda não tinha nascido! É o padre Estêvão Chmil, em seguida consagrado bispo secretamente aqui em Roma pelo então Arcebispo-Mor. Ele celebrava a Missa lá, não havia uma comunidade ucraniana próxima, e algumas pessoas o ajudavam. Aprendi com ele a assistir a Missa em rito ucraniano. Ensinou-me tudo. Duas vezes por semana era a minha vez de o ajudar. Isso foi muito positivo para mim, porque aquele homem falava das perseguições, dos sofrimentos, das ideologias que perseguiram os cristãos. Além disso, ensinou-me a abrir-me a uma liturgia diferente, que conservo sempre no coração pela sua beleza. Quando eu estava em Buenos Aires Shevchuk pediu-me testemunhos para abrir o processo de canonização deste Bispo ordenado às escondidas. Hoje, gostaria de o recordar, porque é um ato de justiça agradecê-lo diante de vós pelo bem que me fez. Obrigado.

O primeiro embaixador de Myanmar apresentou as credenciais

Na manhã de quinta-feira, 9 de novembro, o Papa Francisco recebeu em audiência Sua Excelência o Senhor San Lwin, primeiro embaixador da República da União de Myanmar junto da Santa Sé, o qual apresentou as cartas com as quais é acreditado



Sua Ex.^{cia} o Senhor San Lwin, primeiro embaixador da República da União de Myanmar junto da Santa Sé, nasceu a 20 de dezembro de 1955 em Yangon. É casado e tem duas filhas.

Formado em química industrial (1977), desempenhou os seguintes cargos: junior staff nas Organizações internacionais e no departamento económico do ministério dos Negócios estrangeiros (Mne); vice-assistente diretor no Mne e funcionário na divisão consular do mesmo ministério; funcionário no departamento de planificação e administração, nas Organizações internacionais e no departamento económico e junto do departamento do protocolo do Mne (1984-1987); terceiro secretário de embaixada em Pequim (1987-1991); chefe de secção no departa-

mento político do Mne (1991-1993); cônsul na República popular da China (1993-1997); assistente diretor do departamento político e junto do departamento de formação, pesquisa e língua estrangeira do Mne (1997-2000); primeiro-secretário e conselheiro de embaixada em Singapura (2000-2005); vice-diretor e diretor do departamento político do Mne (2005-2008); ministro conselheiro e vice-representante permanente junto das Nações Unidas em Nova Iorque (2008-2011); diretor da divisão das Organizações internacionais do Mne (2011); vice-diretor-geral (2011-2013) e também diretor-geral do departamento político do Mne (2013-2015); embaixador na Áustria, onde reside (desde julho de 2015) e embaixador na Lituânia (desde 2017 até hoje).

Faleceu o cardeal Bernard Panafieu

Arcebispo emérito de Marselha

O cardeal Bernard Panafieu, arcebispo emérito de Marselha (França), faleceu no dia 12 de novembro. Nascido a 26 de janeiro de 1931 em Châtellerault, na arquidiocese de Poitiers, foi ordenado sacerdote em 22 de abril de 1956. Nomeado auxiliar de Annecy e simultaneamente eleito Bispo Titular de Tibili a 18 de abril de 1974, recebeu a Ordenação episcopal no dia 9 de junho do mesmo ano. Promovido arcebispo de Aix a 30 de novembro de 1978, foi depois transferido como arcebispo coadjutor de Marselha a 24 de agosto de 1994. Em 22 de abril de 1995 sucedeu por coadjunção ao cardeal Robert-Joseph Coffy. No consistório de 21 de outubro de 2003, João Paulo II criou-o e publicou-o cardeal do título de São Gregório Barbarigo em «Tre Fontanes». A 12 de maio de 2006 renunciou ao governo pastoral da arquidiocese marselhesa.

Protagonista de primeiro plano no debate sobre a questão educativa e cultural na França, desempenhou um papel de iniciador no diálogo aberto e solidário com o mundo muçulmano, convidando a acolher sem hesitações os imigrantes que fugiam da guerra e da pobreza. Eis em síntese o perfil do cardeal Bernard Panafieu. Por este seu papel de destaque, reconhecido unanimemente, em abril de 1996 foi nomeado membro da Académie des sciences, lettres et arts de Marselha e a 28 de agosto de 2009 atribuíram-lhe o título de Commandeur de la Légion d'honneur e de l'Ordre des Chevaliers du Saint-Sépulcre.

Filho de André Panafieu, gerente de banco, e de Madeleine Doussière, formou-se nos seminários maiores de Albi e de Issy-les-Moulineaux. Em seguida deu início ao serviço pastoral como vigário de Saint-Sauveur de Mazamet, para depois entrar na pastoral da cultura como capelão do liceu La Pérouse de Albi, responsável da paróquia universitária e da capelanía da educação pública, e também como padre espiritual dos estudantes em Toulouse. Foi pároco decano de Brassac de 1971 a 1974 e secretário-geral do conselho presbiteral de Albi.

Em 1974 chegou a nomeação episcopal, como auxiliar de D. Jean Sauvage na diocese de Annecy. *Parare*

viam Domini foi o lema episcopal que inspirou todo o seu serviço na Igreja.

Quatro anos mais tarde foi transferido para a sede arquiépiscopal de Aix-en-Provence. Em 1994 foi nomeado arcebispo coadjutor de Marselha; e a 22 de abril de 1995 sucedeu ao Cardeal Coffy, do qual poucos meses depois, a 18 de julho, presidiu às exéquias. Na homilia, depois de ter recordado o seu perfil humano e espiritual, falou da fé cristã para traçar o programa do seu serviço episcopal: «É a loucura da fé – disse – que nos faz acreditar na ressurreição de Jesus, Filho de um Deus Pai de todos. É a loucura da fé que nos faz acreditar na nossa própria ressurreição». E evocando o valor das antigas raízes cristãs da região marselhesa «celebradas pelo povo de Deus através do culto dos santos», indicou a urgência de uma nova evangelização que alcançasse de veras o coração das pessoas.

Depois, a 8 de dezembro de 2002 tornou-se arcebispo metropolitano quando Marselha foi elevada à sede metropolitana. Entre os seus encargos, devemos recordar os de membro do conselho permanente da Conferência dos bispos franceses, de 1980 a 1986, e membro do comité da Missão de França. Presidiu à comissão episcopal para o mundo escolar e universitário de 1986 a 1992, confirmando a sua particular atenção por este específico âmbito pastoral.

Foi também particularmente ativo no campo ecuménico e no diálogo entre as religiões. De modo especial, tratou a questão da presença muçulmana na França, no seu papel de presidente da comissão episcopal para as relações inter-religiosas, e as novas correntes religiosas.

Juntamente com o comité ecuménico interconfessional francês, procurou sempre criar um clima de unidade e de diálogo, exortando a um maior conhecimento e solidariedade recíproca. Preocupava-se pela questão dos imigrados, os quais – era o seu compromisso – devem tornar-se «objeto de uma atenção privilegiada por parte dos organismos caritativos ativados pela Igreja católica para lhes garantir o acolhimento: eles são



os verdadeiros pobres das nossas sociedades ocidentais, provenientes primeiramente da África do norte e subsaariana e em seguida da Europa oriental e do Médio Oriente». E precisamente para evidenciar a mudança de perspectiva ocorrida na França, observou que «há pouco tempo encontramos os muçulmanos, hoje encontramos o islão».

A sua particular atenção ao diálogo manifestava-se também na sua atividade de presidente da secretaria para as relações religiosas com o islão e de membro da comissão episcopal para a missão universal da Igreja. Além disso, participou da comissão episcopal para os ministérios ordenados. A Cúria romana ofereceu o seu contributo como membro dos Pontifícios Conselhos «Justiça e Paz» e para o diálogo inter-religioso.

Pesar do Santo Padre

Ao tomar conhecimento da morte do cardeal Bernard Panafieu, arcebispo emérito de Marselha, o Papa enviou a D. Georges Pontier, sucessor do purpurado no governo pastoral da arquidiocese francesa, o seguinte telegrama.

Ao receber com tristeza a notícia da morte do cardeal Bernard Panafieu, arcebispo emérito de Marselha, apresento as minhas mais sentidas condolências a Vossa Excelência, assim como à sua família, aos seus ex-diocesanos e à comunidade de Notre-Dame de Vie, que esteve ao seu lado nestes últimos anos. Peço ao Pai de toda a misericórdia que acolha na sua paz e na sua luz este sábio pastor que soube manifestar a bondade e o amor de Deus ao povo que lhe foi confiado, primeiro como bispo auxiliar de Annecy, depois como arcebispo de Aix-en-Provence e Arles, e por fim de Marselha. Atento às situações de precariedade e à diversidade da população da sua diocese, ofereceu um eminente contributo ao diálogo entre as culturas e as religiões, favorecendo assim uma coexistência pacífica entre todos. Em penhor de conforto, concedo-lhe, Excelência, a bênção apostólica, e também ao seu auxiliar, à família do cardeal falecido e aos seus parentes, aos seus ex-diocesanos e a todas as pessoas que participam na celebração das exéquias.

FRANCISCO PP.

Audiência ao presidente da República da Serra Leoa

O Papa Francisco recebeu em audiência no dia 11 de novembro, no Palácio apostólico do Vaticano, o presidente da República da Serra Leoa, Ernest Bai Koroma, o qual se encontrou também com o arcebispo Paul Richard Gallagher, secretário para as Relações com os Estados.

Durante os colóquios cordiais foram evidenciadas as boas relações existentes entre a Santa Sé e a Serra Leoa e o importante contributo que a Igreja oferece para a reconstrução material e moral do país, sobretudo no âmbito educativo, social e médico. Considerando a liberdade religiosa, a coexistência pacífica e o respeito recíproco entre os vários grupos religiosos, comentou-se a importância de favorecer a coesão nacional, valorizando a riqueza das várias tradições históricas, religiosas e culturais do país no respeito dos direitos humanos e dos direitos das minorias.



Por fim, não faltou uma troca de opiniões sobre alguns temas de interesse internacional, com particular referência aos atuais desafios que a região enfrenta.

Uma temerária moderna

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 8

nos e dificuldades de todos os tipos: religiosos, políticos, raciais, económicos, conseguindo persuadir, convencer e fazer com que a justiça vencesse. Uma vida surpreendente e, ao que me parece, não marcada pelos movimentos feministas. Porventura por não ter sido «hostilizada» pela Igreja e por isso talvez considerada demasiado obediente ao clero? Não foi assim. Teve os seus fortes contrastes, proibições, dificuldades desde a sua chegada a Nova Iorque. Não lhe foram poupadas incompreensões nem proibições (que teve que contornar) da parte do clero local dos vários Estados do norte e do sul da América. Por sorte foi depois incluída na lista de honra da Igreja católica. Foi santificada, merecimento conquistado com a ação. Quem sabe por que as «santas» quase sempre tiveram que fadigar tanto para merecer devoção. Também por isso, é um grande mérito de Lucetta Scaraffia ter evidenciado a vida da madre Cabrini.

INFORMAÇÕES

Audiências

O Papa Francisco recebeu em audiências particulares:

A 8 de novembro

Na parte da tarde: o Senhor Cardeal Angelo Amato, Prefeito da Congregação para as Causas dos Santos.

A 9 de novembro

O Senhor Cardeal Beniamino Stella, Prefeito da Congregação para o Clero.

Sua Ex.^{cia} o Senhor San Lwin, Embaixador da República da União de Myanmar, para a apresentação das Cartas Credenciais.

D. Savio Hon Tai Fai, Núncio Apostólico na Grécia.

Sua Ex.^{cia} o Senhor Horacio Manuel Cartes Jara, Presidente da República do Paraguai, com o Séquito.

A 10 de novembro

Os Senhores Cardeais Gualtiero Bassetti, Arcebispo de Perúcia – Città della Pieve (Itália), Presidente da Conferência Episcopal Italiana; e Fernando Filoni, Prefeito da Congregação para a Evangelização dos Povos; D. Luis Francisco Ladaria Ferrer, Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé; D. Pedro López Quintana, Núncio Apostólico na Lituânia, Estônia e Letônia; e D. Gábor Pintér, Núncio Apostólico na Bielo-Rússia.

Congregação para as causas dos santos

Promulgação de decretos

A 8 de novembro, o Santo Padre Francisco recebeu em audiência o Senhor Cardeal Angelo Amato, S.D.B., Prefeito da Congregação para as Causas dos Santos, e autorizou a mesma Congregação a promulgar os decretos relativos:

– ao martírio do Servo de Deus João Brenner, Sacerdote diocesano; nascido a 27 de dezembro de 1931 em Szombathely (Hungria) e assassinado por ódio à Fé no dia 15 de dezembro de 1957 em Rabakethely (Hungria);

– ao martírio da Serva de Deus Leonella Sgorbati (no século: Rosa), Religiosa professa do Instituto das Missionárias da Consolata; nascida a 9 de dezembro de 1940 em Rezzanella di Gazzola (Itália) e assassinada por ódio à Fé no dia 17 de setembro de 2006 em Mogadíscio (Somália);

– às virtudes heroicas do Beato Bernardo de Baden, Marquês de Baden; nascido entre o final de 1428 e o início de 1429 no castelo de Hohenbaden (Alemanha) e falecido a 15 de julho de 1458 em Moncalieri (Itália);

– às virtudes heroicas do Servo de Deus João Paulo I (Albino Luciani), Sumo Pontífice; nascido no dia 17 de outubro de 1912 em Forno di Canale, atualmente Canale d'Agordo (Itália) e falecido a 28 de setembro de 1978 no Palácio Apostólico no Vaticano;

A 11 de novembro

O Senhor Cardeal Marc Ouellet, Prefeito da Congregação para os Bispos.

Sua Ex.^{cia} o Senhor Ernest Bai Koroma, Presidente da República da Serra Leoa, com o Séquito,

D. Janusz Urbanczyk, Observador Permanente junto do Departamento das Nações Unidas e Instituições Especializadas em Viena, e na Organização das Nações Unidas para o Desenvolvimento Industrial (ONU-DI); e Representante Permanente junto da Agência Internacional da Energia Atômica (AIEA), e na Organização para a Segurança e a Cooperação na Europa (OSCE).

Sua Ex.^{cia} o Senhor Mohammad Taher Rabbani, Embaixador da República Islâmica do Irão, em visita de despedida.

Renúncias

O Santo Padre aceitou a renúncia:

No dia 11 de novembro

De D. Andrzej Wojciech Suski, ao governo pastoral da Diocese de Toruń (Polónia).

No dia 14 de novembro

De D. Jairo Jaramillo Monsalve, ao governo pastoral da Arquidiocese Metropolitana de Barranquilla (Colômbia).

– às virtudes heroicas do Servo de Deus Gregório Fioravanti (no século: Ludovico), Sacerdote professor da Ordem dos Frades Menores, Fundador da Congregação das Irmãs Franciscanas Missionárias do Sagrado Coração; nascido em Grotte di Castro (Itália) a 24 de abril de 1822 e falecido em Gemona (Itália) a 23 de janeiro de 1894;

– às virtudes heroicas do Servo de Deus Tomás Morales Pérez, Sacerdote professor da Companhia de Jesus, Fundador dos Institutos Seculares Cruzados e Cruzadas de Santa Maria; nascido em Macuto (Venezuela) a 30 de outubro de 1908 e falecido a 1 de outubro de 1994 em Alcalá de Henares (Espanha);

– às virtudes heroicas do Servo de Deus Marcelino de Capradosso (no século: Giovanni Maoloni), Leigo professor da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos; nascido no dia 22 de setembro de 1873 em Villa Sambuco di Castel di Lama (Itália) e falecido a 26 de fevereiro de 1909 em Fermo (Itália); e

– às virtudes heroicas da Serva de Deus Teresa Fardella, viúva De Blasi, Fundadora do Instituto das Irmãs Pobres, Filhas de Maria da Santíssima Coroada; nascida em Nova Iorque (EUA) a 24 de maio de 1867 e falecida a 26 de agosto de 1957 em Trapani (Itália).

De D. Víctor Antonio Tamayo Batacort, ao cargo de Auxiliar da Arquidiocese de Barranquilla (Colômbia).

Nomeações

O Sumo Pontífice nomeou:

A 9 de novembro

Secretário da Congregação para a Evangelização dos Povos, D. Protase Rugambwa, Arcebispo-Bispo Emérito de Kigoma (Tanzânia), até hoje Secretário Adjunto da mesma Congregação e Presidente das Pontifícias Obras Missionárias.

Secretário Adjunto da Congregação para a Evangelização dos Povos e Presidente das Pontifícias Obras Missionárias, o Rev.^{mo} Mons. Giovanni Pietro Dal Toso, ex-Secretário do Pontifício Conselho «Cor Unum», simultaneamente eleito Arcebispo Titular de Foratiana.

A 10 de novembro

Auxiliar da Arquidiocese de Mendoza (Argentina), o Rev.^{do} Pe. Marcelo Fabián Mazzitelli, do clero da Diocese de San Isidro, simultaneamente eleito Bispo Titular de Pazuera.

D. Marcelo Fabián Mazzitelli nasceu em Buenos Aires (Argentina), a 25 de junho de 1960. Foi ordenado Sacerdote no dia 11 de março de 1986.

A 11 de novembro

Secretário Adjunto do Pontifício Conselho para os Textos Legislativos, D. Filippo Iannone, O. C.A.R.M., Arcebispo-Bispo Emérito de Soracassino-Aquino-Pontecorvo (Itália), até esta data Vice-Gerente de Roma.

Bispo da Diocese de Toruń (Polónia), D. Wiesław Śmigiel, até à presente data Auxiliar de Pelplin.

A 14 de novembro

Arcebispo Metropolitano de Barranquilla (Colômbia), D. Pablo Emiro Salas Anteliz, até hoje Bispo de Armenia.

A 15 de novembro

Bispo de Aire et Dax (França), D. Nicolas Souchu, até hoje Auxiliar de Rennes.

Bispo de Teixeira de Freitas-Caravellas (Brasil), o Rev.^{do} Pe. Jailton de Oliveira Lino, P.S.D.P., até agora Ecônomo da Delegação Nossa Senhora Aparecida, com sede em Porto Alegre.

D. Jailton de Oliveira Lino, P.S.D.P., nasceu a 28 de janeiro de 1965 em Feira de Santana, Estado da Bahia. Completou os estudos de filosofia e teologia na Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre. Frequentou o curso de psicologia na Universidade de Rio dos Sinos (UNISINOS) em Porto Alegre. Emitiu a profissão religiosa a 1 de janeiro de 1985 na Congregação dos Pobres Servos da Divina Providência (don Calabria) e recebeu a Ordenação sacerdotal no dia 17 de dezembro de 1988. No âmbito da sua Congregação desempenhou os seguintes cargos: formador e superior da Comunidade de Farroupilha (1989-1998); vice-provincial e mestre dos noviços em Porto Alegre (2002-2008); e delegado provincial para a Delegação Nossa Senhora Aparecida (2008-2014).

Disposições especiais

Sua Santidade presidiu:

No dia 13 de novembro

A uma Reunião Interdicasterial, na Sala Bolonha.

Prelados falecidos

Adormeceram no Senhor:

A 6 de novembro

D. Andrés Sapelak, Bispo Emérito de Santa María del Patrocinio em Buenos Aires dos ucranianos (Argentina).

O venerando Prelado nasceu em Ryszkowa Wola (Polónia), no dia 13 de dezembro de 1919. Foi ordenado Sacerdote a 29 de junho de 1949. Recebeu a Ordenação episcopal em 15 de outubro de 1961.

D. Jacques Landriault, Bispo Emérito de Timmins (Canadá).

O saudoso Prelado nasceu a 23 de setembro de 1921, em Alfred (Canadá). Recebeu a Ordenação sacerdotal no dia 9 de fevereiro de 1947. Foi ordenado Bispo em 25 de julho de 1962.

Início de Missão de Núncios Apostólicos

D. Giuseppe Pinto, Arcebispo Titular de Anglona, na Croácia (9 de setembro).

D. Paul Tschang In-Nam, Arcebispo Titular de Amanzia, em Myanmar (11 de outubro).

D. Francisco Montecillo Padilla, Arcebispo Titular de Nebbio, no Qatar (11 de outubro).

Celebração do Sumo Pontífice em São Pedro

Oração pelo Sudão do Sul e a República Democrática do Congo

Em oração pelo Sudão do Sul e a República Democrática do Congo. Às 17h30 de quinta-feira, 23 de novembro, no altar da Catedral da basílica de São Pedro, o Papa Francisco presidirá a uma celebração para invocar o dom da paz e da reconciliação para os dois atormentados países africanos. O encontro de oração estará aberto a todos os fiéis que quiserem participar, sem necessidade de bilhetes de entrada.

Salvador Dalí
«Moisés e a sarça ardentes»



Na audiência geral Francisco prosseguiu a reflexão sobre a missa

Oração relação pessoal com Deus

A missa «é um encontro vivo e nós vamos à missa e não a um museu»: frisou o Papa durante a audiência geral de quarta-feira 15 de novembro na praça de São Pedro. Prosseguindo o ciclo de reflexões dedicadas à «beleza da celebração eucarística», o Pontífice explicou que ela «é a oração por excelência, a mais elevada, a mais sublime, e ao mesmo tempo a mais «concreta»».

Amados irmãos e irmãs, bom dia!

Continuamos com as catequeses sobre a Santa Missa. Para compreender a beleza da celebração eucarística desejo iniciar com um aspeto muito simples: a Missa é oração, aliás, é a oração por excelência, a mais elevada, a mais sublime, e ao mesmo tempo a mais «concreta». Com efeito é o encontro de amor com Deus mediante a sua Palavra e o Corpo e Sangue de Jesus. É um encontro com o Senhor.

Mas primeiro temos que responder a uma pergunta. O que é realmente a oração? Antes de tudo, ela é diálogo, relação pessoal com Deus. E o homem foi criado como ser em relação pessoal com Deus que tem a sua plena realização unicamente no encontro com o seu Criador. O caminho da vida é rumo ao encontro definitivo com o Senhor.

O Livro do Génesis afirma que o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus, o qual é Pai e Filho e Espírito Santo, uma relação perfeita de amor que é unidade. Disto podemos compreender que todos nós fomos criados para entrar numa relação perfeita de amor, num contínuo doar-nos e receber-nos para assim podermos encontrar a plenitude do nosso ser.

Quando Moisés, diante da sarça ardente, recebeu a chamada de Deus, perguntou-lhe qual era o seu nome. E o que respondeu Deus? «Eu sou Aquele que sou» (Êx 3, 14). Esta expressão, no seu sentido originário, manifesta *presença e favor*, e com efeito imediatamente a seguir Deus acrescenta: «O Senhor, o Deus dos vossos pais, o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacob» (v. 15). Assim também Cristo, quando chama os seus discípulos, os chama para que estejam *com Ele*. Eis, por conseguinte, a maior graça: poder experimentar que a Missa, a Eucaristia é o momento privilegiado para estar com Jesus e, através d'Ele, com Deus e com os irmãos.

Rezar, como qualquer diálogo verdadeiro, significa saber também ficar em silêncio – nos diálogos há momentos de silêncio – em silêncio juntamente com Jesus. E quando vamos à Missa, talvez cheguemos cinco minutos antes e comecemos a fa-

lar com quem está ao nosso lado. Mas não é o momento para falar: é o momento do silêncio a fim de nos prepararmos para o diálogo. É o momento de se recolher no coração a fim de se preparar para o encontro com Jesus. O silêncio é tão importante! Recordai-vos do que disse na semana passada: não vamos a um espetáculo, vamos ao encontro com o Senhor e o silêncio prepara-nos e acompanha-nos. Permanecer em silêncio juntamente com Jesus. E do misterioso silêncio de Deus brota a sua Palavra que ressoa no nosso coração. O próprio Jesus nos ensina como é possível «estar» realmente com o Pai e no-lo demonstra com a sua oração. Os Evangelhos mostram-nos Jesus que se retira em lugares afastados para rezar; os discípulos, ao ver esta sua relação íntima com o Pai, sentem o desejo de poder participar nela, e pedem-lhe: «Senhor, ensina-nos a rezar» (Lc 11, 1). Assim ouvimos há pouco, na primeira Leitura, no início da audiência. Jesus responde que a primeira coisa necessária para rezar é saber dizer «Pai». Estejamos atentos: se eu não for capaz de dizer «Pai» a Deus, não sou capaz de rezar. Temos que aprender a dizer «Pai», ou seja, de nos pormos na sua presença com confiança filial. Mas a fim de poder aprender, é preciso reconhecer humildemente que precisamos de ser instruídos, e dizer com simplicidade: Senhor, ensina-me a rezar.

Este é o primeiro ponto: ser humildes, reconhecer-se filhos, repousar no Pai, confiar n'Ele. Para entrar no Reino dos céus é necessário fazer-se pequeninos como as crianças. No sentido de que as crianças sabem confiar, sabem que alguém se preocupará com elas, com o que hão de comer, com o que vestirão e assim por diante (cf. Mt 6, 25-32). Esta é a primeira atitude: confiança e confiança, como a criança com os pais; saber que Deus se recorda de ti, cuida de ti, de ti, de mim, de todos.



A segunda predisposição, também ela própria das crianças, é *deixar-se surpreender*. A criança faz sempre muitas perguntas porque deseja descobrir o mundo; e admira-se até com coisas pequenas porque para ela tudo é novo. Para entrar no Reino dos céus é preciso deixar-se surpreender. Na nossa relação com o Senhor, na oração – eu pergunto – deixamo-nos surpreender ou pensamos que a oração é falar a Deus como fazem os papagaios? Não, é confiar e abrir o coração para se deixar surpreender. Deixamo-nos maravilhar por Deus que é sempre o Deus das surpresas? Porque o encontro com o Senhor é sempre um encontro vivo, não é um encontro de museu. É um encontro vivo e nós vamos à Missa e não a um museu. Vamos a um encontro vivo com o Senhor.

No Evangelho fala-se de um certo Nicodemos (cf. Jo 3, 1-21), um idoso, uma autoridade em Israel, que vai procurar Jesus para o conhecer; e o Senhor fala-lhe da necessidade de «renascer do alto» (cf. v. 3). Mas que significa isto? Pode-se «renascer»? Voltar a ter o gosto, a alegria, a maravilha da vida, é possível, mesmo face a tantas tragédias? Esta é uma pergunta fundamental da nossa fé e este é o desejo de qualquer crente

verdadeiro: o desejo de renascer, a alegria de recomeçar. Nós temos este desejo? Cada um de nós tem vontade de renascer sempre para se encontrar com o Senhor? Tendes este desejo? Com efeito, pode-se perdê-lo facilmente porque, por causa de tantas atividades, de tantos projetos a concretizar, no final temos pouco tempo e perdemos de vista o que é fundamental: a nossa vida do coração, a nossa vida espiritual, a nossa vida que é encontro com o Senhor na oração.

Na verdade, o Senhor surpreende-nos ao mostrar-nos que Ele nos ama até com as nossas debilidades: «Jesus Cristo [...] é a propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos, mas também pelos de todo o mundo» (1 Jo 2, 2). Este dom, fonte de verdadeira consolação – mas o Senhor perdoa-nos sempre – conforta, é uma verdadeira consolação, é um dom que nos é concedido através da Eucaristia, aquele banquete nupcial no qual o Esposo encontra a nossa fragilidade. Posso dizer que quando recebo a comunhão na Missa, o Senhor encontra a minha fragilidade? Sim! Podemos dizê-lo porque isto é verdade! O Senhor encontra a nossa fragilidade para nos reconduzir à nossa primeira chamada: ser à imagem e semelhança de Deus. É este o ambiente da Eucaristia, é esta a oração.

No final da audiência o Santo Padre saudou, como é habitual, os vários grupos linguísticos presentes, dirigindo aos de expressão portuguesa as seguintes palavras.

Dirijo uma saudação cordial a todos os peregrinos de língua portuguesa, vindos de Portugal e do Brasil. Queridos amigos, sois chamados a ser testemunhas da alegria no mundo, transfigurados pela graça misericordiosa que Jesus nos dá na Santa Missa. Desça sobre vós e sobre vossas famílias a bênção de Deus.